

ADRIANA BITTENCOURT MACHADO

**O Papel das Imagens nos Processos de Comunicação:  
ações do corpo, ações no corpo**

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e  
Semiótica – PUC/SP  
São Paulo - 2007

ADRIANA BITTENCOURT MACHADO

**O Papel das Imagens nos Processos de Comunicação:  
ações do corpo, ações no corpo**

**Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Semiótica, na área de concentração – Signo e Significação nas Mídias, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helena Tania Katz**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação/tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

<b>Assinatura:</b> _____	<b>Local</b>	<b>e</b>
<b>Data:</b> _____		

**Banca Examinadora:**

---

---

---

---

---

As Imagens permanentes em minha vida

Vitor e Pedro

Colas que evoluem como amor

Nos últimos anos, a calma foi imagem em forma de desejo. A exigência constante de estados de prontidão e alerta e a transformação como ação de sobrevivência se enlaçaram aos tempos da respiração. Quando tombos, espasmos. A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que a seleção não me excluísse, mas me fortalecesse.

Como tudo que existe está submetido a processos, tudo se encontra na mais provável incerteza. Ao acaso que me deu um presente: Helena Katz. Cuidarei sempre com muito amor

A minha família que pelos acordos entre natureza e cultura discretizou esse estado como acontecimento diante de tantas possibilidades

Em especial ao Quarteto Fantástico... (Gu, Luigi, Lucia )

A Claudia por me emprestar seus ouvidos para que eu pudesse ouvir minha voz. Parceira efetiva nesse processo.

A Jussara Setenta (Ju) pela descoberta de que o tempo não envelheceu nossa conexão e amizade é não ter dúvida do querer bem. Coletivo pode começar com dois.

A Jorge Albuquerque (prô) pela alegria de tê-lo perto. Um carinho enorme

A Fabiana Brito (Fabis). Um pensamento diferente. Que bom nos encontrar no afeto.

A Fernando Oliveira (Panga) pelo início e boa parte do processo. Cumplicidade contaminada em um tempo. Muitas trocas. As melhores? Pico e Poca!

A Pérola, uma amizade enunciada como irmã.

A Ju Weill, Regi e Dara. Amigas na torcida. Mesmo quando a bola vai para fora, o erro é sempre do Juiz.

A um anjo que deu visibilidade ao meu sorriso.

A Cristine Greiner pela generosidade em um momento turbulento. Poder me ver e te ver assim, foi bom. Obrigada pelo reconhecimento.

A Cida (Cos/Puc) que esclarece até os mais "surdos" dos mortais

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica

A Escola de dança da UFBA pela oportunidade de compartilhar

A CAPES sem a qual não poderia realizar essa pesquisa, me dando a chance de aprender que o conhecimento se faz também na "ousadia".

## Resumo

O lugar da imagem nos processos de comunicação - essa se constituiu na ignição inicial para a pesquisa aqui apresentada. Para empreendê-la ficou claro ser necessário tratar imagem como um tipo específico de informação, no qual a transitoriedade ocupa papel central. Ao propor que toda comunicação seja pautada na transformação, traz-se um viés evolutivo para seus domínios, e com ele se pode compreender como as imagens operam para que a comunicação se dê. Para tal, fez-se necessário investigar as condições que fazem com que a comunicação do corpo com o ambiente seja não apenas possível como, sobretudo, eficiente. Para atender tal demanda, tornou-se indispensável tratar corpo e ambiente como fenômenos imersos em processos co-evolutivos. Vale destacar que aqui o corpo é tratado enquanto mídia, de acordo com a Teoria Corpomídia (KATZ & GREINER), que pleiteia que o corpo não é um processador de informações, mas sim, uma mídia de si mesmo. Suas trocas com o ambiente são provisórias e circunstanciais. A comunicação que o corpo faz é sempre a da coleção de informações que o constitui. A partir desse conceito de corpo, a hipótese da tese é a de que a imagem se constitui na materialidade básica com a qual processos de comunicação operam sempre que envolvem corpos humanos. Corpo é imagem em fluxo no tempo. Todavia, o corpo não é apenas imagem em movimento. A imagem é, sobretudo, um dos modos possíveis de sua comunicação. A tese não trata imagem como uma espécie de registro fotográfico do real, O objetivo é sustentar que as imagens do corpo são processuais e índices de seu tempo e, então, fez-se necessário empregar uma redução interteórica que propiciasse um diálogo entre a semiótica de Charles Sanders Peirce e a teoria da evolução darwiniana.

Palavras chaves: imagem, comunicação, corpo, fluxo, movimento

## **Abstract**

The place of image in communication processes constitutes the initial ignition point for the research herein presented. For this study it became clearly necessary to treat image as a specific type of information that has transitoriness as a central feature. Proposing that all communication is based in or assumes transformation, we can see that it brings an evolutionary tendency to its domains, which allows a comprehension of how images may operate for communication to take place. For this purpose it became necessary to investigate the conditions that make communication between the human body and the environment not just possible but, most importantly, efficient. To this end, it became indispensable to treat body and environment as phenomena immersed in co-evolutionary processes. Here the body is thought of as media, as in the Bodymedia Theory of Katz and Greiner, that claims that the body is not an information processor, but is rather a medium of itself. Its exchanges with the environment are provisional and circumstantial. The communication that the body makes or does is always that of the collection of information that constitute it. Based on this concept of the body, the hypothesis of this dissertation is that the image constitutes itself in the basic materiality of communication processes which operate whenever human bodies are involved. The body is image in flow, in time. As such, the body is not merely image in movement. The image is, overall, one of the possible modes of its communication. This dissertation does not treat image as a type of photographic register of the real; its objective is to sustain that the images of the body are processual and indexes of its time, and to do this, an inter-theory reduction was applied that allows a dialogue between the semiotics of Charles Sanders Peirce and Darwin's theory of evolution.

Key words: image, communication, body, flow, movement

# Índice

Apresentação.....	11
Imagens como proposições do Corpo.....	14
Imagens são formas de percepção do corpo.....	22
Imagens como aspectos do corpo.....	28
Imagens como acontecimentos.....	34
Fronteiras em permanente negociação.....	42
Imagem: Fluxo no Tempo.....	50
Imagens como informação evolutiva.....	56
Imagens: corpos em ativação.....	66
Imagens Congeladas.....	71
Batalha dos Memes.....	82
Imagens como metáforas.....	95
Imagens: ações do corpo, ações no corpo.....	104
Referências Bibliográficas.....	110

## Trilha

O ponto de partida desta pesquisa fincou-se na percepção de que nos estudos sobre o corpo proliferava a impressão quando o assunto era "imagem". Ficou claro que os entendimentos equivocados não tratavam a imagem como informação e que fora dessa perspectiva, o conceito de imagem permanecia dentro de um vício que se alastrava por toda parte e que tratavam imagem como aquilo que 'está para' ou 'no lugar de' ou é um mero reflexo do corpo e do ambiente. Essas impropriedades geram a impossibilidade de investigar a imagem como coisa, objeto, corpo, como informação física mesmo. Trata-se de um legado que insiste em permanecer desde a Idade Média, e que vêm da necessidade de vincular representatividade à semelhança.

Imagem não pode ser coisa, objeto, o que implica em comprometimento no trato dos modos como o corpo conhece e se comunica. Imagem pensada somente como foto, quadro ou reflexo constituem algumas das significações replicadas que se tornaram as mais populares nos dias atuais, reforçadas pelos meios de comunicação que persistem no entendimento de que a imagem só é processada a partir de um suporte ou de um canal de informação. Os *mídia* podem até decidir continuar a usar o seu entendimento sobre imagens assim, mas os corpos não operam nessa sintonia.

Nessa perspectiva, a funcionalidade da relação entre imagem e ambiente aparece comprometida. Imagem é geralmente vista como cópia dos objetos do mundo, uma reprodução fotográfica da realidade e não como ação estratégica do corpo ao se constituir corpo. É com esse entendimento que as imagens se tornam veículos contaminadores dos sentidos, nublando a possibilidade de se escapar

desse verdadeiro mantra repetido por toda parte de que as imagens são reproduções da realidade.

Na trilha aqui aberta, as imagens são apresentadas como informações que se constituem como corpo e funcionam como índices de seus estados. Tais estados vão se danando nos acordos que cada corpo vai realizando com o ambiente onde se encontra e são irreversíveis. O corpo, assim, é imagem em fluxo no tempo. As imagens emergem como modos de sua própria percepção. Imagem no corpo é sempre uma ação que desliza pela instabilidade dos ajustes que enfrenta para se tornar uma presentidade. Ou seja, quando se fala em imagem, há que se levar em conta, sobretudo o movimento presente nas ações do corpo.

Na Dança, as dobraduras que separam imagem de corpo se grudam como uma fita de informações que enunciam que imagem e corpo não se descolam e atestam que a imagem no corpo é uma das possibilidades de sua comunicação além de seu próprio acesso ao mundo.

Seguindo a trilha, as imagens se apresentam como informações que evoluem e entram no jogo de produzir padrões. Transitam entre dissipações e regularidades quando replicam e quando se adaptam, tal como sucede com qualquer existente. Imagens que vêm do ambiente se acomodam com as imagens que constituem o corpo. Por isso, são locais e específicas e não genéricas e universais.

Ao entender que corpos são imagens em composição, e que suas configurações são acontecimentos que se transformam e se organizam constantemente, inclusive na forma de gírias do corpo e do ambiente se apresentam como texto em acordo com o contexto.

Nessa direção, a pesquisa buscou conceito de meme (Dawkins:1976). Memes chegam por imagens. E fez uso também das propostas de Lakoff e Johnson (2002) sobre metáforas para tratá-las como sistemas de imagens. De fato, vale a pena pensá-las como um sistema conceitual enramado de imagens, que promove questionamentos a respeito de como estabelecer uma comunicação efetiva nas relações de ensino-aprendizagem, ou melhor, de trocas.

Como fluxos que são, as imagens não voltam atrás, seguem a flecha do tempo e se discretizam formando *designs* nos corpos. É a partir de tais proposições que a presente pesquisa se desenvolveu para postular que o corpo e suas imagens estão submetidos a processos permanentes ligados à sobrevivência e que neles, ação, percepção e movimento não podem ser refeitos, mas sim reorganizados. As imagens do corpo, portanto, funcionam como sinalizadores das suas possibilidades como acontecimento e atestam que o corpo não se submete a cópias.

O corpo em movimento deve ser visto como fluxo das imagens no espaço-tempo onde se alterna o jogo entre dissipação e regularização, transformação e organização. Todavia, nem tudo pode ser apreendido nem pelo corpo que faz nem pelo corpo que vê. Como tudo que é vivo também as imagens buscam permanecer e, nessa tentativa, participam de uma corrida competitiva que tem como objetivo a sua transformação em códigos, visando a sua constituição como linguagem.

## Imagens como proposições do Corpo

As imagens do corpo surgem por auto-organização de reverberações de informações entre diferentes níveis de descrição do corpo. Decorrem de traduções entre sinais<sup>1</sup> de vísceras, órgãos, terminações nervosas, das trocas permanentes entre cérebro e ambiente. Trata-se de um procedimento variável e dinâmico já que cada imagem singulariza um tipo de conexão ocorrida em um determinado momento. Como se trata de um procedimento que se auto-organiza na ação da percepção, o que significa a ocorrência de movimento no corpo, as imagens se encontram implicadas em acordos constantes.

Toda imagem independente de sua modalidade, surge correlacionada com o ambiente, venha de um estímulo do interior do corpo ou de um estímulo do entorno, pelas portas dos órgãos sensitivos, pois ambos desenvolvem uma trilha transitória de combinações. Por essa razão, não há nada estático em um corpo que se constituiu em co-dependência com seu contexto. Não existe um homúnculo no cérebro para receber as informações do corpo.

<b>Traduções</b>
<b>Estados do Corpo</b>
<b>Percepção</b>
<b>Atualização</b>

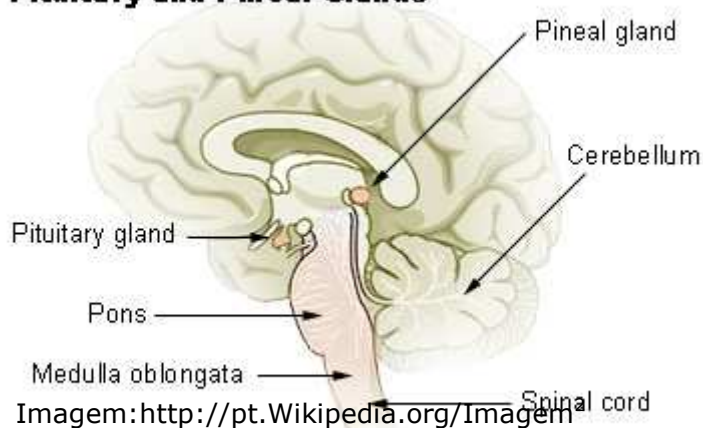
---

<sup>1</sup> O termo sinais é aqui empregado no sentido da comunicação que se dá no corpo a partir dos acontecimentos químicos, eletroquímicos e neurais. Vale salientar que nem tudo no corpo se constitui como sinal no sentido de mensagem. Há tipos diferenciados do corpo, cada qual com uma forma de coerência, organização, e nível de coesão entre as suas informações. Contudo, o corpo também opera por sinais e o uso da terminologia "sinais" se faz no sentido de sinalizadores dos estados do corpo. Para outro tipo de designação, utilizam-se os conceitos de "informação" e de "signo". O corpo opera nessas três instâncias que, por vezes, encontram-se inseparáveis.

O corpo é um sistema de informações. A informação sempre depende do ambiente em que se encontra para ser, de fato, uma diferença. Tanto o corpo quanto o ambiente são coleções de informação.

Quanto ao signo, todo e qualquer fenômeno, coisa, existente, aparece para nossa percepção como signo, segundo a semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914). O signo, portanto, é quem permite o acesso as relações, à comunicação. Dessa maneira, a informação está nele e o sinal é constituído de uma cadeia signica.

## Pituitary and Pineal Glands



### Um Estranho dentro da cabeça

Durante séculos persistiu a crença de que havia uma área, considerada como a área da razão, e que nela habitava um estranho e pequeno ser, o "homúnculo", responsável pelos pensamentos. O próprio Descartes, no século XVII enunciou que a mente estava assentada na glândula pineal, recipiente habitado pela alma humana, (uma espécie de consciência superior). Assim, começou o dualismo de substância onde alma e mente se dissociam de corpo e cérebro. O homúnculo é representado por um pequeno homem localizado no centro do crânio, monitorando e manipulando as ações físicas e mentais da pessoa.

O dualismo de substância encontra-se implicado nas noções de duas propriedades distintas co-habitando o corpo. O corpo propriamente dito como uma propriedade *res extensa* e a mente como *res cogitans* e imaterial. A mente é vista como uma substância autônoma, independente e não física. Não é extensa, pois não existe no espaço uma vez que não há propriedades como peso, forma, massa, volume e etc. No dualismo de substância, a mente é distinta do corpo e se aproxima do conceito de intelecto, espírito e alma. Corpo e mente como entidades diferentes.

<sup>2</sup> Glândula Pituitária e Pineal.

Há também imagens provenientes das emoções e sentimentos que participam do jogo das combinações de informações. A emoção, por exemplo, é um conjunto de imagens que se apresenta como alteração dos estados do corpo ativando um sistema cerebral próprio, e desempenha um papel de orientação cognitiva. As emoções sinalizam os estados do corpo.

Já o sentimento é uma representação mental da experiência das alterações do corpo. Depende de uma imagem interna do corpo e de uma imagem do ambiente, uma vez que constrói um desenho de uma determinada experiência. É a combinação de estados corporais e de pensamentos, percepção do corpo em forma de imagens. Tanto a emoção quanto o sentimento se constituem como informações biológicas do corpo. Não á toa, o sentimento está ligado às mudanças de atividades das regiões somatossensitivas.

O corpo muda incessantemente, pois existem co-relações interativas de conexões entre informações neurais, de natureza químico-hormonais, que combinam e alteram o modo como as informações são processadas. Ocorre um processo adaptativo entre as informações do corpo e do ambiente. Deste modo, as imagens do corpo residem em atualizações constantes pelo acesso imediato de trocas *on-line*; são ações de percepções do corpo em cada momento.

Relembrar também é uma modalidade de imagem e incide em reconhecer as experiências do corpo sob novas interpretações. Uma ação de memorização atualizada ocorre através dos receptores sensórios, sob a gerência de disposições contidas no cérebro ativando locais a exemplo de um córtex de associação. Esse mecanismo de reconhecimento que é indispensável para o corpo, não é, todavia, uma cópia fiel de uma imagem de algum tipo de experiência passada.



American Ballet Theatre's 'La Bayadere'  
Photo: Marty Sohl

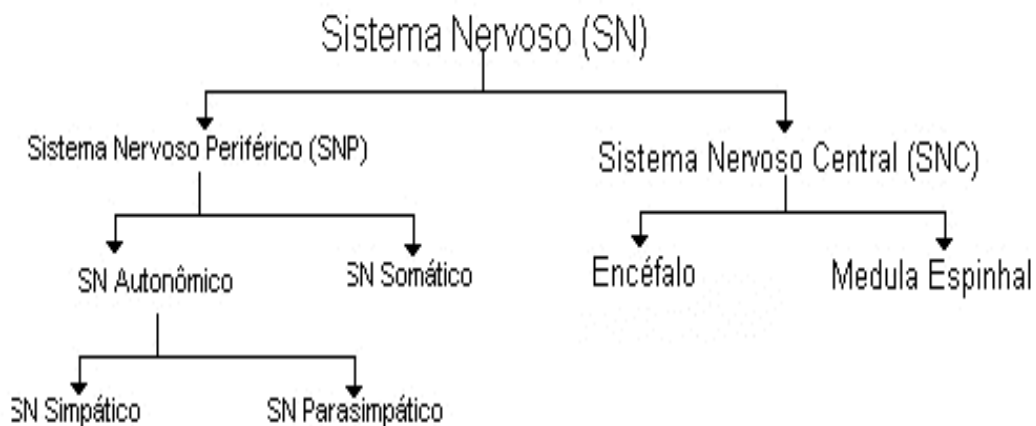


The Kingdom of the Shades in "La Bayadere"  
Photo: Courtesy Kirov Ballet

O corpo não produz cópias fiéis. A reconstrução encontra-se implicada em um estado momentâneo do corpo, depende do estado do momento preciso em que ocorre. É um certo conjunto específico de informações que produz cada estado. Como o ato de lembrar negocia com a coleção de informações em que o corpo se encontra no exato momento em que se inicia o processo de lembrança, pode-se entendê-lo como uma ação que atualiza algo da potencialidade existente das representações.

Não há réplicas de experiências no corpo e o que está em jogo é o 'como' ele reconstrói uma imagem dentre as diversas possibilidades que dispõe de empreender a tarefa da reconstrução de imagem. É importante lembrar que um tipo de modalidade não estanca a produção dos outros tipos, que ocorrem simultaneamente em meio aos seus possíveis acordos:

Existem regiões de convergência no cérebro, onde conjuntos de neurônios anatomicamente distintos, e que pertencem a outras regiões, se reúnem e são acionados quase simultaneamente. Axônios que se projetam para frente se juntam aos reciprocamente divergentes, de retroprojeção. Quando algo reativa tais zonas de convergência, neurônios apartados disparam e reconstroem a atividade mental prévia. (Katz 2005: 231)



Relembrar  
 incide em uma  
 combinação de  
 informações  
 que emerge de  
 uma  
 experiência  
 atualizada. No  
 caso de uma  
 tristeza, há  
 desativação  
 significativa do  
 córtex pré-  
 frontal; na  
 alegria, ocorre  
 um aumento  
 dessa ativação.

Em o *Erro de Descartes*, (1994), Damásio<sup>3</sup> denomina essa potencialidade de *representação dispositiva*. Ela emerge quando os neurônios se ativam em um determinado padrão, em um ritmo específico e num intervalo de tempo próprio, e se move direcionado a um outro conjunto de neurônios. As representações dispositivas são fundamentais para a sobrevivência do corpo, uma vez que nelas se encontram o conhecimento inato e o conhecimento adquirido. Ambos se pronunciam no corpo como acordos entre experiências e aptidões. Algumas representações dispositivas contêm registros no que tange ao movimento, ao raciocínio, e à criatividade, além de estratégias de manipulação de imagens.



Grupo Corpo – Oqontô – 2005/foto: José Luís Pederneiras

O corpo em constante experiencição vive da aquisição de novos conhecimentos, uma vez que as disposições são continuamente modificadas. Não há um *a priori* na configuração de uma determinada imagem. Assim, mesmo as imagens que são evocadas na forma de lembranças, não são reproduções arquivadas em fac-símile, pois cada imagem sempre conta com a interpretação

---

<sup>3</sup> Neurocientista que estuda o mecanismo das emoções e sentimentos.

de uma experiência diferente do corpo. Deste modo, mesmo as imagens que apresentam regularidade ao longo do tempo, nunca são inteiramente conservativas, já que a experiência é uma permanente modificadora das versões que a nossa percepção narra para o corpo. Imagens também evoluem.

As imagens que aparecem em nossas mentes encontram-se vinculadas ao conjunto de nossas estruturas cerebrais, que propiciam um número imenso de conexões e vasta complexidade. Dessa maneira, a atividade dos fluxos e conexões vai construindo as imagens da mente momento a momento. E as imagens conduzem para interpretações de sinais, organizando-os em forma de conceitos e classificações:

Podemos adquirir estratégias para raciocinar e tomar decisões; e podemos selecionar uma resposta motora a partir do elenco disponível no cérebro ou formular uma resposta motora nova, que é uma composição desejada e deliberada de ações que pode ir desde uma expressão de cólera até abraçar uma criança, desde escrever uma carta para o editor até tocar uma sonata de Mozart ao piano. (Damásio 1996:120).

É nesse campo de entendimento que as imagens são instáveis, pois são acordadas nas ações presenciais do corpo. E, em sendo assim, o corpo se propõe continuamente como corpo sempre um pouquinho diferente do corpo anterior: sinais do corpo se encontram implicados em ações de observação e percepção, codificação e decodificação, e denotam o estado processual em que o corpo se encontra. Imagens noticiam e divulgam as informações que vão se constituindo como corpo. Não à toa, o corpo é sempre mídia do seu tempo.



Grupo Corpo. Onqotô (2005) foto: José Luís Pederneiras

## Imagens são formas de percepção do corpo

As imagens<sup>4</sup> se diferenciam uma das outras.  
Um amor, um ardor, um alento, cheiro, sons,

**Formas de  
percepção**  
**Negociações**  
**Transitoriedade**  
**Ações**

<sup>4</sup> O termo imagem é aqui empregado no sentido utilizado pelo neurocientista Antonio Damásio e está associado à representação. Padrões mentais, mapas e pensamentos são fluxos de imagens. A partir dos escritos de Damásio, a hipótese que aqui se propõe é a de que o corpo é imagem em movimento.

palavras, movimento etc. Imagens são formas de percepção do corpo. Cada tipo de imagem requer um tipo de atividade e acionamento específico do cérebro. Quando eficiente, essa ativação neuronal estabelece relações constantes com os sinais do corpo e com o ambiente, através de sinais sensoriais:

[...] estas palavras agora impressas que você tem diante dos olhos são primeiramente processadas por você como imagens verbais, antes de promoverem a ativação de outras imagens, desta vez não verbais, com as quais "os conceitos" que correspondem às minhas palavras podem ser exibidos mentalmente. Dessa perspectiva, qualquer símbolo que você possa conceber é uma imagem, e pode haver pouco resíduo mental que não se componha de imagens. Até mesmo os sentimentos que constituem o pano de fundo de cada instante mental são imagens, no sentido exposto acima: imagens sômato sensitivas. (Damásio 2005:403)

As imagens não são alegorias do corpo, parábolas enfeitadas de devaneio, embora a imaginação seja constituída de imagens. Não são "espelhos do mundo" no corpo, já que não há retratos imputados<sup>5</sup> no cérebro. A produção de imagens se dá a partir das co-relações de coerência entre o corpo e o ambiente.

Quando uma imagem emerge no corpo, ela se encontra no ambiente, e pode ser considerada uma ação de reconhecimento. As imagens do corpo não surgem como mágicas. Corpo e ambiente trocam informações continuamente e, portanto, contaminam-se mutuamente.

---

<sup>5</sup> O abasileiramento do termo reforça a crítica sobre a idéia de que o corpo opera apenas como receptor e emissor, como um canal de entrada-input e saída-output. A crítica se estende também à psicologia behaviorista, onde o cérebro é entendido como uma caixa preta. Aqui, o termo reforça a idéia de que as informações não são colocadas, empilhadas nem guardadas no nosso corpo.

Cada imagem é uma imagem. A percepção não opera como um projetor de slides, pois envolve múltiplas atividades neuronais e cada uma é composta de uma rede emaranhada de neurônios especializados. A eficiência da ativação neuronal estabelece relações constantes com o ambiente através das informações sensoriais. Mesmo diante de um mesmo objeto, nosso equipamento perceptivo produz novas percepções sobre ele.

Cada uma das múltiplas áreas que a percepção envolve é composta de uma rede emaranhada de neurônios, especializada em lidar com uma informação específica para cada imagem. O corpo opera em sua presentidade. Sua ação de perceber é sempre modificada.

Quando se olha para um corpo em movimento ou, até mesmo de relance para qualquer cena visual, as imagens que se configuram no espaço-tempo excitam receptores na retina, acionando uma cascata de eventos, dentro de uma lógica particular de cada percepção. As imagens que procedem do olho, por exemplo, são mapeadas, em primeira instância, no córtex visual primário, área posterior do cérebro. Em seguida, são transmitidas ao longo de duas vias:

- a do lobo temporal, conhecida como a "via do como", cuja funcionalidade se encontra em reconhecer e denominar coisas, corpos de uma maneira em geral, bem como as emoções a eles vinculadas; -
- e a do lobo parietal, conhecida como a "via do o quê", relacionada a disposição espacial do ambiente e do próprio corpo.

Todas as áreas são interconectadas num arco de *feedback* positivo- uma reverberação recorrente, como de um eco- que pega um estímulo vindo do mundo exterior, extrai seus traços salientes e

depois o faz saltar de região para região, antes de finalmente calcular o que é e como reagir a ele. Devo lutar, fugir, comer ou beijar? A disposição simultânea de todos estes mecanismos culmina na percepção. (Ramachandran 2004: 156-157)



Pina Bauch. Cravos (1982)

Por envolver sempre níveis de complexidade relacionados aos estados do corpo, as imagens são extremamente maleáveis e transitórias, indicando o princípio subjacente a todas as percepções: os mecanismos de percepção estão envolvidos em negociações, acordos de correlações estatísticas<sup>6</sup> com o ambiente, para que se compreenda porque cada imagem é uma imagem, ou seja, que existe um sentido transitório em cada imagem.

---

<sup>6</sup> As correlações estatísticas ocorrem como probabilidades entendidas a partir dos sistemas dinâmicos e longe do equilíbrio.

O fluxo das informações no corpo é continuamente alterado pela reverberação de informações e pode desencadear diferentes caminhos. A percepção é um “dispositivo” que não opera na previsibilidade, uma vez que o corpo atua diretamente com o ambiente. Percepções se alteram como variações dinâmicas e emergem como formas diferenciadas através de transições, ou seja, pelas alterações dos estados do corpo, sempre mediados.

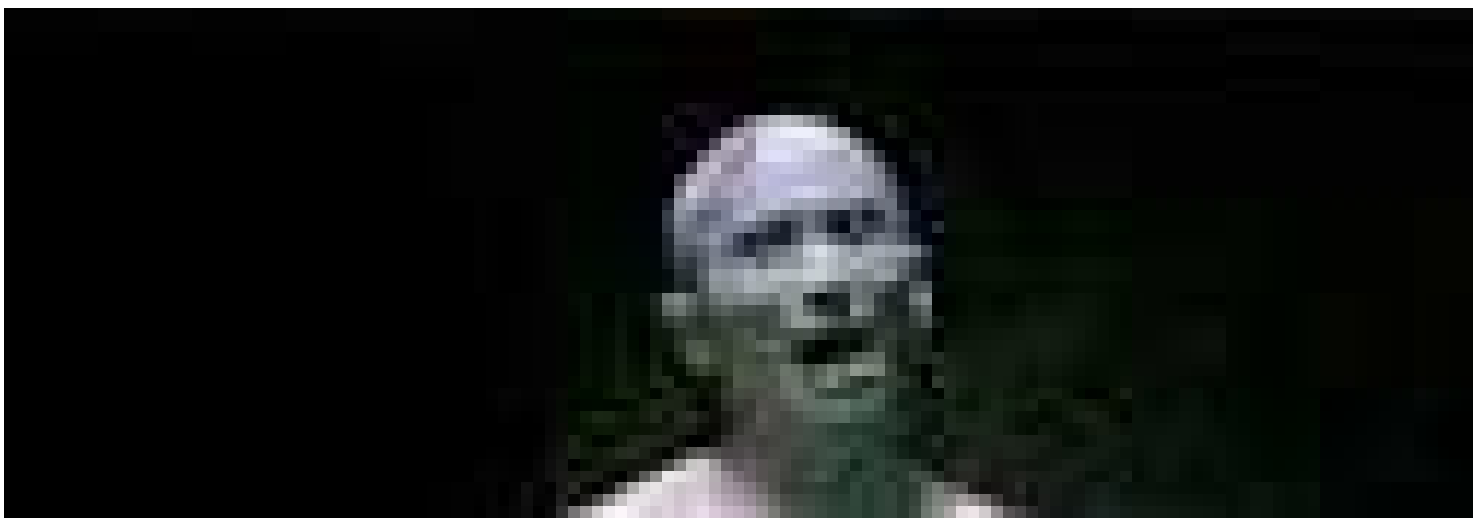
Não á toa, imagens não copiam outras imagens, nem tampouco os fenômenos aos quais se referem. O próprio processo de descrever o objeto da imagem sofre sempre restrições. Duas dessas restrições devem ser destacadas:

- 1) Não se pode esquecer que há perda de fidelidade em qualquer operação que transfere de um lugar para o outro uma informação. Assim, de um existente no mundo para um existente no cérebro, ocorrerá alguma degradação de fidelidade.
- 2) Para descrever o mundo com sua percepção, o corpo não conta com a possibilidade de um acesso absoluto sobre a aparência dos fenômenos que ele percebe. Este sim, é um acesso negado.

Conhecer algo é acessar parte desse algo, uma vez que tudo está em semiose, constante transformação. Assim, tal conhecimento se dá pela percepção de que não se restringe nem a quem percebe e/ ou ao que é percebido, mas a partir de suas mediações. Dessa maneira, o real é acessado através de signos – aquilo que se coloca no lugar do objeto que não acessamos diretamente. São essas representações aqui denominadas de signos que podemos acessar diretamente, e não os fenômenos em geral. Representações e não há um acesso direto aos fenômenos em geral. As representações são signos e, por isso, também evoluem. Quando se percebe o corpo, essa percepção está constituída

Assim, imagens são ações do corpo, pois o cérebro modifica o corpo, que modifica o cérebro, que modifica o ambiente, e é por ele modificado. Todas essas operações acontecendo como um evento simultâneo. É justamente essa simultaneidade que promove constantes alterações no corpo.

Se o corpo está sempre mudando, está sempre mudando seu modo de perceber o mundo. Uma percepção que nunca é a mesma está sempre transformando o mundo, que se torna, então, o mundo que se é capaz de perceber a cada vez, a cada instante dessa simultaneidade das ações envolvidas no fluxo da semiose. Por isso, as imagens são únicas. E o corpo as renegocia compondo-se transitoriamente com uma forma que sempre se transforma.



Sankai Juku (1999)

## **Imagens como aspectos do corpo**

Evolução é processo. Essa engenhosa aventura de efetivar replicações apropriadas para permanecer não trabalha com o conceito cultural

**Aspectos**

**Signos**

**Mediações**

**Estados criativos**

de justiça. Replicações tornam-se hábitos de produzir padrões, jamais idênticos, já que ocorre sempre uma diferença entre o padrão inicial e o padrão replicado, que deve sempre ser levada em conta. As imagens também entram nesse jogo.

A replicação deve ser entendida como um mecanismo inteligente, uma vez que o que ela, de fato, replica é a possibilidade de permanecer: o que está em jogo é o processo. Para permanecer, é preciso ser selecionado. E a seleção, ao atuar sobre as variações, vai produzindo especializações específicas. Ou seja, a seleção colabora para a produção de diversidade. Afinal, se o processo fosse apenas de conservação "*todos nós seríamos espumas de lagoa*"<sup>7</sup>. Assim as imagens também se portam e, por vezes, grudam como aspectos perceptivos que se tornam visíveis na comunicação entre corpo e ambiente.



Lago do Cisne Ato IV - Ópera Ballet (2004)



Edgar Degas (Dancing Class) Oil on Canvas,  
85x75 cm Musee d'Orsay, Paris.

O corpo é processual e suas imagens pronunciam - se em ações contínuas, sinalizando-se como aspectos do corpo e estados criativos de processos evolutivos. As imagens se constituem na possibilidade de acesso ao mundo e, ao mesmo tempo, de ser acessado. Troca que

---

<sup>7</sup> Pinker 1997:52

se expressa em pensamento, uma vez que cada representação tem um jeito próprio de se organizar a cada momento. São aspectos processuais e circunstanciados, que se divulgam no espaço-tempo:

E tal condição invalida as tentativas de tratá-lo como objeto pronto, sujeito ou agente de influências. O mais indicado, seria pensá-lo enquanto articulador, propositor e elaborador de informações que o singularizam, pois as trata de modo sempre únicos – afinal, cada corpo é um, apesar de todos compartilharem informações com o ambiente (Katz 2004:121-122).

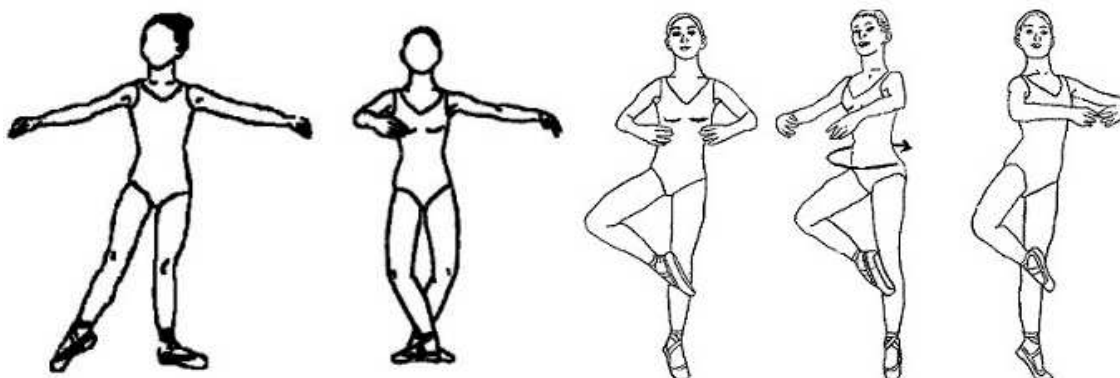
Em operação permanentemente ativa, as imagens não voltam atrás, mesmo àquelas que se apresentam na modalidade de recordação, pois o corpo lembra ao praticar uma ação presencial e esta ação encontra-se implicada numa “trama que se faz em rama”<sup>8</sup>. Assim, reconhecer não é reviver um determinado instante de tempo, ou a experiência que se foi. Reconhecer se constitui como uma ação. E copiar significa apenas uma estratégia de refazer-se em outro, o que implica na realização de uma ação com dissipação da possibilidade de fidelidade.

A imagem não é um recurso utilizado pelo corpo, é corpo. Trata-se de uma estratégia evolutiva de percepção e comunicação simultâneas: imagem e corpo não se descolam. Assim, não há um instante que configure uma ação anterior que divise o ato de perceber e o de comunicar, não há uma preparação para a ação, como qualquer estudante de dança se habitua no ‘E...um!’ ‘E’, é algo; ‘um’ é outro algo. Entre eles, na voz do professor na sala de dança há uma distância temporal que promove uma espécie de suspensão para a preparação da ação. Mas no corpo, não é assim que

---

<sup>8</sup> Parafrazeando Helena Katz em Um, Dois, Três. A dança é o pensamento do corpo. (2005) Belo Horizonte, 1ª ed.

se passa. A produção de imagem é um único processo e não três ocorrências.



Cada reorganização significa mais uma singularização e o novo passa a ser visto como um tipo de conexão de informações: um acordo negociado de um modo que ainda não havia ocorrido. As imagens do corpo são sinais disponibilizados como informações que interagem em processo dinâmico a cada momento, apresentando-se como combinações simultâneas entre ação e representação. Não à toa, o signo<sup>9</sup> se configura na ação de gerar um outro signo que, por sua vez, se encontra comprometido com o signo que o gerou e com o signo que gerará.

Imagens são atos de comunicação, experiências espaço-temporais que se apresentam em níveis de representações variados. Nem tudo se agrega como mensagem, pois pode ser um sopro... e/ou pode ser mensagem.

---

<sup>9</sup> O conceito de signo se encontra em sua generalidade máxima o que implica que o mesmo não se restringe a um interpretante mental. "sendo o signo definido como 'qualquer coisa que' ou 'alguma coisa que', a palavra 'coisa' não deve ser tomada como entidade necessariamente existente, visto que [...] enfatiza entidades ficcionais, entidades imaginárias, entidades sonhadas, entidades míticas, entidades meramente concebidas e assim por diante, são tão capazes de ser signos quanto o são entidades que nós identificamos como sendo, digamos, de caráter físico ou histórico". (Santaella 1995: 25-26)

Algo representa algo para outro algo em um determinado ambiente. Combinações entre informações, mediações permanentes. Logo, conectar e interagir encontram-se implicadas em transações e renegociações espaço-temporais inviabilizando a possibilidade de repetições fiéis. Semelhança pode ser aparência, um resultado do consecutivo mecanismo de gerar algo a partir de algo, astúcia criativa de sobrevivência ao produzir padrões, mas ter propriedades em comum não é o mesmo que ser idêntico, pois cada ação e cada movimento demandam uma lógica de organização e uma coerência próprias. No corpo, um modelo implementado é nele modelado: pertencimento é algo compartilhado, que sobrevive em processo.

Imagens são representações do corpo em suas co-relações com o ambiente, são signos na destreza de mediações com outros signos. Sendo assim, se efetivam quando geram um interpretante<sup>10</sup>. Afinal, o corpo é o melhor "lugar" para sentir que essa ação não se encontra divisada, pois o signo age representando algo que já está sendo interpretado, ou seja, gera outro algo que é signo dele mesmo. Uma trama de mediações de complexidade que enuncia que "*um signo é um signo porque representa algo que não é ele, que é diferente dele*" (Santaella 1992:189). Mas que também é ele, modificado.



... não se pode determinar um interpretante, termo que não deve ser confundido com o intérprete. Este seria apenas o meio através do qual se produz o signo. Interpretante também não é sinônimo de significado. Interpretante diz respeito mais propriamente ao processo de produção de um interpretante [...] O interpretante deve ser rigorosamente compreendido como efeito que o signo está apto a produzir (interpretante imediato) ou que efetivamente produz (interpretante dinâmico) numa mente interpretadora [...] Semiose ou ação do signo é o termo técnico geral, utilizado



www.sheiksaudita.blogspot.com

A imagem observada como generalidade do corpo, fenômeno do corpo apresenta-se como regular, pois é da natureza do corpo. Contudo, vista em sua particularidade, apresenta-se como única, pois uma mudança de ambiente constitui uma alteração. Por serem singulares, as imagens não podem ser exatamente iguais, apenas semelhantes: se inventam na semiose.

Imagens são signos contaminados, trânsito de misturas que se ligam em tempo real. Como são acontecimentos constantes, cada corpo interpreta o ambiente e é por ele interpretado: atos

---

para recobrir o campo semântico de termos como inteligência, mente, pensamento que, segundo Peirce, não são privilégios humanos". (Santaella,1992:76;79)

ininterruptos de mediação, irreversibilidade que se destaca como transformação.

Uma ação do corpo não pode ser copiada, pode ser apenas refeita, dado o acordo permanente entre informações sempre comprometidas em rede e que incidem como representações e interpretações respectivamente.

Vale perguntar: se um corpo não pode copiar ele mesmo, como pode copiar um outro?

As imagens, portanto, são aspectos traduzidos nas fronteiras movediças das negociações, são acontecimentos presenciais. Corpo: rastros de trânsito aberto, onde o presente é sempre ação e signo em permanente movimento de evolução.



Hijikata Tatsumi dans Gibasan – 1972  
Copyright Yamasaki Hiroshi



[www.negatifplus.com/img/galerie/pm/01.jpg](http://www.negatifplus.com/img/galerie/pm/01.jpg)  
198 x 302 pixels - 36k

## Imagens como acontecimentos

**Acontecimentos**

**Provisoriedade**

**Corpomídia**

**Pensamento do  
corpo**

Corpo, um estado provisório. Está sempre no fazer-se. Uma mídia, corpomídia<sup>11</sup>, pois a todo instante um outro estado de corpo emerge. Suas imagens, em relações constantes, co-evoluem com as imagens do ambiente. São informações de conjugação sígnica de sentidos, percepções e ações, são aspectos circunstanciados de algum estado também circunstanciado. Imagens como estados do corpo, sinais internos do corpo, são sinalizadores de seus aspectos.

Corpo é oscilação espaço-temporal, imagem em movimento. Para entendê-lo assim, faz-se necessário descortinar as dobras que separam as imagens como estados do corpo das imagens como aspectos do corpo. Imagens-estado e imagens-aspecto não constituem atributos que podem ser tratados como se as imagens-estados do corpo fossem sinais internos, e as imagens-aspectos como

#### Corpomídia

A mídia a qual o corpo mídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão se constituindo como corpo. O corpo é mídia, pois "resulta" de cruzamentos co-evolutivos entre formações.

sinais externos que apenas se comunicam. Proposições desse tipo reforçam o vício que se apóia em entendimentos cartesianos de corpo onde se pensa o dentro inteiramente separado de um fora.

A proposta aqui é de abordá-los como duas classes de fenômenos coexistindo no corpo. Pensar ambos dentro da mesma fita genética, como modos de uma mesma natureza... Corpo, onde os aspectos<sup>12</sup> tornam visíveis os seus estados.

---

<sup>11</sup>Batizada como corpomídia por Helena Katz e Christine Greiner (2001), esta abordagem teórica é tributária da semiótica peirciana nos usos do conceito de fluxo permanente (semiose), das teorias evolucionistas neodarwinistas (entre as quais se destacam o meme de Richard Dawkins e a concepção de mente de Daniel Dennet) e da abordagem filosófica do papel das metáforas na construção da cognição proposta por George Lakoff e Mark Johnson. (Katz 2004:121)

<sup>12</sup> A proposta de que as imagens são os aspectos visíveis de um processo e não seu resultado final modifica o habitual entendimento sobre imagem que circula hegemonicamente.

Estado do corpo é movimento contínuo, e não é uma paralisação, um congelamento do que está ocorrendo. Não há captura de imagem como representação fotográfica, ou seja, como se o corpo parasse no tempo em um estado. Estados do corpo são contínuos e transitórios. E sendo assim, seus aspectos são circunstanciados, pois aparecem correlacionados aos processos em que se encontram envolvidos: Estados do corpo são aspectos do corpo.

O conceito de corpomídia sustenta essa hipótese quando explica que o corpo que se vê é um conjunto de informações em relação. O corpo é sempre um estado de corpo, uma vez que o fluxo das informações não estanca. Isto faz com que no corpo, a cada momento ele esteja em outro estado.



Vera Sala em *Corpos Ilhados*, 2001. Imagem: <http://www.fabricasaopaulo.com.br/articles.php?id=130>

O corpo é feito de acontecimentos. Imagens são acontecimentos no corpo e se apresentam, também, como idéias do corpo. Idéias são subsídios do pensamento, são signos que, no mecanismo isomórfico de correspondência de sinais são mediados como atributo de percepção do corpo:

Quando Damásio se refere ao termo "imagem" que dizer um "padrão mental" com uma estrutura construída por sinais provenientes de cada uma das modalidades sensoriais (visual, auditiva, olfativa, gustatória, e somato sensitiva ou somato-sensória). Essa modalidade somatossensitiva inclui várias formas de percepção: tato, temperatura, dor, percepção muscular, visceral, vestibular. (Greiner 2005: 72)

O corpo opera como um conjunto de correlações funcionais entre informações: as da sua correlação e as do ambiente. Deste modo, as mediações que ocorrem, no nível da percepção, de uma idéia de algo, carregam este algo no seu corpo, ou seja, se a mente representa<sup>13</sup> os acontecimentos do corpo e os representa como idéias, tais acontecimentos são permanentemente modificados a partir de suas relações com o ambiente. A informação aparece numa mistura de caracteres e em complementaridade e se manifesta numa teia singularmente atualizada.

Segundo Damásio (2004:226) as idéias do corpo tecem a mente e são análogas às imagens, ou seja, a mente opera por imagens, representações e pensamentos atrelados ao corpo em ação em algum ambiente. Imagens são pensamentos<sup>14</sup> do corpo. Assim, imagens são idéias que geram idéias, que se arrolam em teias cruzadas, uma vez que a 'idéia *de*' encontra-se comprometida na 'relação *com*', e ambas se encontram implicadas na feitura de um *como*: percepção implica em uma ação de modificação.

---

<sup>13</sup> O significado não se aproxima do sentido de estar para ou no lugar de. E sim como algo que se relaciona com alguma mente pensante, um interpretante na semiótica peirciana assim como se refere a padrão mental consistentemente relacionado a algo, a uma imagem mental como um conjunto coerente de atividades neurais descrito por Damásio.

<sup>14</sup> Ação, aspecto, representação, idéia, ou seja, qualquer informação que se constitua como imagem do corpo. Pensamento como fluxo de imagens no corpo.

O que essa magnífica proposição quer dizer é que, uma vez que formamos a idéia de certo objeto, podemos formar uma idéia dessa idéia, e uma idéia da idéia da idéia, e assim por diante [...] o processo também pode ser descrito dentro do setor cerebral do organismo, ou seja, dentro do setor cerebral do corpo (Damásio 2004: 227-228).

Imagens são idéias-pensamentos e são também impressões, uma vez que ocorrem como sinais provenientes tanto do interior do corpo, sinais viscerais e estruturais, como ainda de sondas sensitivas ou órgãos sensitivos periféricos. Dessa maneira, imagem é ativação, agito constante de um estado a outro, auto-organizações constantes, pois *"a atividade numa região do corpo produz uma alteração estrutural transitória do corpo"* (Damásio 2004:207). Não à toa, sinais são ações combinatórias do corpo onde suas relações constituem o pano de fundo das imagens.

O corpo é imagem em ação e lida com seus atributos de provisoriedade e criatividade ligados aos processos irreversíveis. São processos entrópicos<sup>15</sup> constantes, ou seja, transferem-se de um estado a outro, uma vez que sofrem variações a partir de trocas entre fronteiras que também são maleáveis. Há então, variações pelas relações com o ambiente, caracterizando uma entropia de interface (entropia externa) e variações internas que incidem em um procedimento de homeodinâmica<sup>16</sup> (entropia interna). Entretanto, não são estados separados, a passagem do fluxo de um é a

---

<sup>15</sup> A entropia é o elemento capital inserido pela termodinâmica, a ciência dos processos irreversíveis. Em 1872, Ludwig Boltzmann formulou a primeira definição microscópica de entropia "A energia do universo é constante. A entropia do universo cresce na direção de um máximo". Contrariamente a energia que se conserva, a entropia permite estabelecer uma distinção entre os processos reversíveis, em que a entropia permanece constante, e os processos irreversíveis, que produzem entropia. (Prigogine 1996:25)

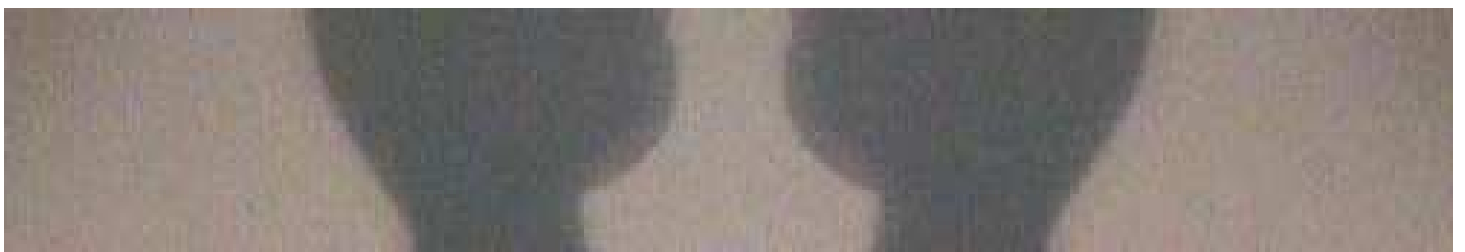
<sup>16</sup> É mais apropriado porque sugere um processo dinâmico e ajustes contínuos o que implica em estados de auto-organização ao passo que homeostasia refere-se a um ponto fixo de equilíbrio. Para o corpo, equilíbrio é morte termodinâmica.

passagem do fluxo do outro, ou seja, não é uma ocorrência de causa e efeito, mas um estado de operação simultânea. Não á toa, o corpo é mÍdia desse processo, pois quando se vê um corpo são esses aspectos que nele se encontram evidenciados.

As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que o leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças (Katz e Greiner 2001: 05).

Imagem do corpo é fluxo entrópico, condição de manutenção do corpo e a instabilidade é a própria operação de troca: a transferência constante de um estado a outro. Essa passagem adquire uma estabilidade relativa, circunstanciada, quando, ao mediar os dois fluxos entrópicos (interno e externo), o corpo se reorganiza. Como o movimento é permanente, é mais sensato pensar em auto-organização. A cada troca, novas conexões são efetuadas e algumas são dispensadas, configurando ações de implicabilidade. O corpo, como sistema longe do equilíbrio, não participa de regras universais e sim, locais, pois depende do tipo de processo em que se encontra. O corpo, então, media esses fluxos para atingir uma meta-estabilidade: breves transações de acomodações temporárias.

O fluxo avança no tempo, rápido ou lento, ordenadamente ou aos trambolhões, e às vezes segue não uma, mas várias seqüências. Às vezes as seqüências são concorrentes, outras vezes convergentes e divergentes, ou ainda sobrepostas. *Pensamento* é uma palavra aceitável para denotar esse fluxo de imagens. (Damásio 2005:403).



Nadam Guerra : Paisagem Humana Rio de Janeiro. Imagem alterada em filtro digital. [idanca.typepad.com](http://idanca.typepad.com) > [artistas 2006](#)

Imagens do corpo: trânsito de relações e prática de enunciações em tempo real, em um corpo dinâmico e instável que opera na congruência de interações de tantos outros corpos; condição que resvala na dificuldade de quantificar e medir sua complexidade. Dessa maneira, um acionamento do corpo reverbera em uma rede e

afasta a possibilidade do entendimento de uma ação isolada ou um comportamento somente naquele momento de sua visualização.

São necessários muitos acordos, pois há desdobramentos, distensões de funções de distribuição, ou seja, o acionamento opera como propriedade de conjunto, permitindo incorporar o caráter caótico das transformações, uma vez que imagens são fluxos que viabilizam, no corpo, a transição de seus estados. Como não se encontram na previsibilidade, mas na probabilidade, operam em diferentes processos irreversíveis. E qualquer tentativa de quantificá-las é apenas método de sistematização, mero disfarce estatístico:

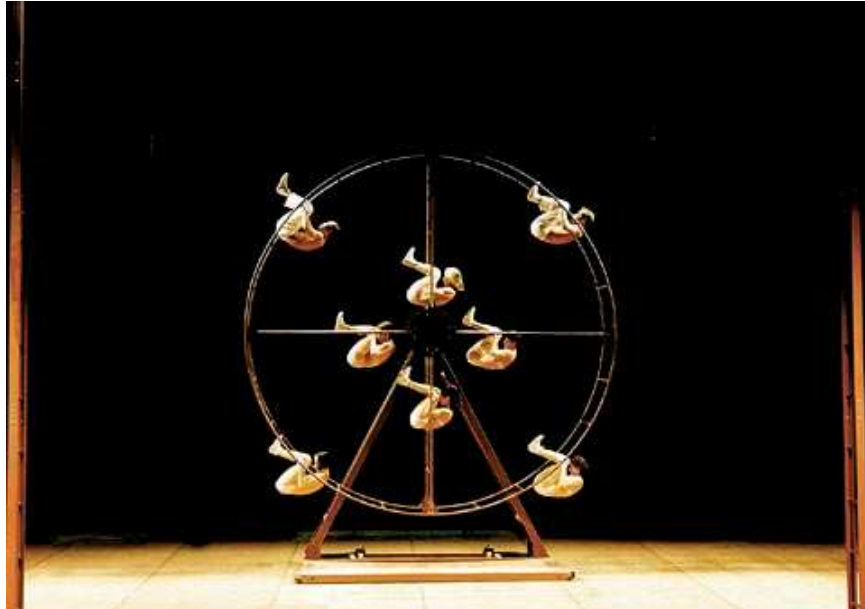
Vale notar que a probabilidade diz respeito não somente ao fato de que às imagens são fluxos, mas, sobretudo à natureza das transformações que são viabilizadas. Pois que existem transformações previsíveis e transformações prováveis.

Comparem um cristal a uma cidade. O primeiro é uma estrutura de equilíbrio, pode ser conservado no vácuo. A segunda tem também uma estrutura bem definida, mas depende de seu funcionamento. Um centro religioso e um centro comercial não tem nem a mesma função nem a mesma estrutura. Aqui, a estrutura resulta do tipo de interação com o ambiente. Se isolássemos uma cidade, ela morreria. Estrutura e função são inseparáveis (Prigogine 1996:65).

No caso do corpo, o fato da estrutura e da função serem inseparáveis tem imensa importância, uma vez que permite, ao conhecer uma estrutura poder-se ligá-la às funções que as produziram. Permite também projetar a estrutura necessária para o desempenho de certas funções.

Estudar Dança, nessa perspectiva, repropõe a relação entre técnica que se aprende e o projeto artístico que se deseja por em prática.

Rota- 1997



Dinamo-2006

Créditos da imagem:

<http://www.ciadeborahcolker.com.br/eng/espetaqu/fotos.php?esp=no>

## **Fronteiras em permanente negociação**

<b>Fronteiras</b>
<b>Irreversibilidade</b>
<b>Coerência</b>
<b>Acordos</b>

Imagens são processos dinâmicos e seus aspectos incidem em acordos contínuos: uma operacionalidade no corpo que viabiliza suas emergências; uma maneira de agir. São acontecimentos irreversíveis, pois cada imagem é única uma vez que seus aspectos transitórios se dão na maleabilidade das combinações fronteiriças com o ambiente.

Fronteiras são demarcações que dependem da continuidade dos acordos que as delimitaram, pois emergem como configurações espaço-temporais provisórias. No corpo, tendem a se misturar e a se transformar com frequência. Desenham-se através de fluxos informacionais: no movimento que desliza e modifica as interfaces entre corpos e entre corpos e ambientes. Estão em permanente processo de adaptação e cada configuração não significa uma paralisia. As trocas continuam e as possibilidades de combinação entre as trocas também.

A maleabilidade das fronteiras pode ser vista pelas imagens nos corpos já que as imagens descrevem de fato, suas contaminações e escolhas. Deste modo, as imagens do corpo são aspectos enunciativos desse meio circunstanciado; fruição.

As imagens ocorrem como pactos transitórios entre corpos já que os ajustes são constantes e resvalam em reorganizações sucessivas de configurações. São tecidas nas negociações entre fronteiras que, por sua vez, são movediças, não são rígidas, mas sim elásticas e provisórias. Fronteiras, então, são maleáveis, pois dependem do tipo de acordo efetuado. Sua transitoriedade é condição de comunicação e evolução com o ambiente.

O corpo encontra-se conectado com/no tempo na produção de imagens que se



apresentam em forma de aspectos do corpo, signos do corpo, ou seja, são arranjos provisórios entre inúmeras informações do corpo e do ambiente. Cada imagem, portanto, configura um tipo de acomodação em um determinado espaço-tempo, procedimento de auto-organização que gera formas de coerência, pois ocorre longe do equilíbrio, existindo exatamente ao acontecer. Negociações transitórias: tráfego de acordos em zonas de tensão entre diversas informações. Ação que se manifesta em transformação.

Vera Sala: Impermanências

Assim, as imagens são instáveis porque rompem com a simetria temporal e a execução de trajetórias prováveis, ou seja, não se dão em um percurso descritivo de começo e fim. Ocorrem em fluxo, na disposição de potencialidades que se transformam em atualidades: imagens do corpo ou ações. Deste modo, dissipam quando emergem, se pronunciam, e não se submetem à replicação integral. As imagens do corpo são articulações efetivas que nunca se reproduzem com fidelidade de cópia, condição que compartilham com tudo o que for da natureza de um acontecimento, de uma ação. E assim, se desobrigam de vinculações que as aprisionem ao sentido de imagem-cópia. A repetição implica em refazimento, em fazer de novo – ou seja, implica em uma ação. É a repetição que facilita o rememoração. E como cada ação é sempre única, a ação de refazer é sempre modificada.

Imagens são conexões agrupadas de experiências do corpo. Acontecem vinculadas ao tempo da irreversibilidade, efetivando-se na instabilidade dos possíveis acordos. Praticam o reconhecimento para codificar ou eliminar, bem como transformar e elaborar simultaneamente outras imagens porque:

Um processo de repetição não se dá sem minúsculas diferenças entre cada repetição. E a repetição com essas minúsculas diferenças, a certa altura, produz uma diferença que se nota. As várias qualidades de informação que um corpo produz e abriga não são compartimentadas e estanques, mas se comunicam e se relacionam. Assim, um processo de repetição, também está modificando todo o resto, que não está sendo especificamente repetido (Katz 2005: 39).

Na ativação entre um emprego e outro, as imagens emergem exatamente nos ajustes: sucessivos dispositivos mediados que se enlaçam nas veias genéticas e culturais e que fazem de cada imagem, sempre, uma diferença. Assim, seu emprego é uma função evolutiva, uma operacionalidade da natureza do corpo, onde suas imagens, em ação de visibilidade, são aderências do corpo.

As imagens se apresentam em relações que co-evoluem no tempo de sua ocorrência, onde os fluxos a alimentam e estimulam a desmedida destreza em lidar com a dissipação: mecanismo inteligente de se modificar. Irreversibilidade incrustada como condição de sua aparência. E, sendo assim, recriam-se na aleatoriedade, nos alcances dos tempos assimétricos. Em contínuo processo, nunca se repetem ao se refazerem. Quando se reorganizam, e se modificam, pois somos seres transitórios. Deste modo, a transitoriedade é movimento que impede que o corpo morra de mesmice, é fluxo incessante de troca:

[...] pense nesta sala onde estou escrevendo: o ar, mistura de gases, atingiu mais ou menos um equilíbrio térmico e se encontra num estado de desordem molecular; mas há também estas magníficas flores colocadas por minha mulher, que são objetos longe do equilíbrio, objetos altamente organizados graças aos processos irreversíveis de não-equilíbrio (Prigogine 1996:58) <sup>17</sup>.

Assim, as imagens do corpo vivem passando de fases, transitam de um estado a outro a partir de vinculações efetuadas, pois conectar implica uma ação de um sobre o outro. Esta ação efetiva-se nas trocas de informação, matéria e energia, e tem como funcionalidade a integração das conexões que resultam na ação de co-condicionamento e co-participação. Tal procedimento incorre em desorganizar, ou seja, funções compartilhadas na instabilidade geram organizações através de um procedimento colaborativo. Não á toa, a entropia é uma solução criativa da evolução: é atributo de improvisação.

As imagens do corpo ocorrem em fluxos de interações com outros corpos, caracterizando-as como dinâmicas. *"Longe do equilíbrio, a matéria adquire novas propriedades em que as flutuações, as instabilidades desempenham um papel essencial: a matéria torna-se mais ativa"* (Prigogine 1996: 68). Não há, no corpo e nem nas relações estabelecidas com o ambiente, um único centro de atração e bifurcação<sup>18</sup> que prediga e determine exatamente o percurso e a natureza da imagem, já que suas interações ocorrem na

---

<sup>17</sup> Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de Química (1976), especialista em análise de caos, estruturas dissipativas e instabilidades em sistemas abertos longe do equilíbrio.

<sup>18</sup> Bifurcação é relacionada ao ponto crítico onde a partir desse ponto um novo estado torna-se possível. Sistemas instáveis sofrem sempre perturbações e os pontos que surgem determinando um regime de funcionamento são os pontos de bifurcação. Numa análise sobre o percurso a história do sistema, os pontos de bifurcação permitem calcular a estabilidade e instabilidade de seus diferentes estados e o acaso de suas flutuações.

imediatez dos ajustes no tempo, gerando difusões que caracterizam contínuas mudanças.

A irreversibilidade não pode mais ser identificada com uma mera aparência que desapareceria se tivéssemos acesso a um conhecimento perfeito. Ela é uma condição essencial de comportamentos coerentes em populações de bilhões de bilhões de moléculas [...] a matéria é cega ao equilíbrio ali onde a flecha do tempo não se manifesta; mas quando esta se manifesta, longe do equilíbrio, a matéria começa a ver! Sem a coerência dos processos irreversíveis de não equilíbrio, o aparecimento da vida na terra seria inconcebível. A tese de que a flecha do tempo é apenas fenomenológica torna-se absurda. Não somos nós que geramos a flecha do tempo. Muito pelo contrário, somos seus filhos. (Prigogine 1996: 11-12)



<http://www.linkdobebe.com.br/desenvolvimento/comunica.htm>



O problema da observação dos sistemas instáveis inclui lidar com a incerteza e a indeterminação; não se “resume” às apreciações habitualmente atribuídas ao que se denomina como esfera científica dos fenômenos, pois esta tende a se referir somente a uma parcela observável do mundo, que é muito mais vasto do que ela. Estar diante da incerteza significa assumir uma conduta de mudança. E

para tal, há que se entender probabilidade e irreversibilidade como mecanismos de evolução:

Imaginem um sacerdote ou um xamã que se comunique com outro mundo: as mensagens que ele nos transmite, na medida em que podemos compreendê-las, têm um sentido para nós, mas seríamos incapazes de remontar às fontes que, no outro mundo, as teriam gerado. (Prigogine 1996:52)

Mas não são somente esses os tipos de mundo existentes. No mundo, existem também vários mundos, com regras diferentes. O mundo do muito pequeno (que a física quântica estuda) e o do muito grande (das grandes medidas: o mundo da cosmologia, da geologia...). Para haver possibilidade de comunicação com esses mundos regidos por leis diferentes das que normatizam o mundo das medidas newtonianas, é preciso fazer como Bohr sugere: *"seria preciso evitar conferir um valor explicativo à função de onda, pensar que ela dá conta do mundo quântico. Ela não representa o outro mundo, mas sim nossas possibilidades de nos comunicar com ele"* (Prigogine 1996:52).

O corpo e suas imagens estão implicados em fluxos entrópicos, não são compatíveis com a ordem, não pedem licença; ocorrem, pois o corpo não age ordenadamente uma vez que os fenômenos entrópicos têm sua própria organização. Ordem, nesse contexto, não é sinônimo de organização. Assim, nas especificidades dos acordos, os resultados são incertos: risco de existir em processo.

São ocorrências gerativas e se manifestam como um fenômeno não-linear, um modo de compartilhar sua existência na instabilidade. Deste modo, as imagens do corpo mantêm-se em negociações permanentes, o que impede a medição exata de suas ocorrências.

Seus aspectos são proposições dos seus processos, ou seja, o corpo propondo-se e comunicando.

É dessa maneira, que o entendimento recai no fato de que as imagens do corpo prescindem de análises que a associem a algum tipo de repetição vinculada a cópia. Refazer é fazer de novo, exige uma outra ação e, portanto, um outro acordo. Transformar-se em hábito é automatizar a ação, internalizá-la, uma vez que o corpo também tem seus costumes. A sua rotina, entretanto, se encontra na instabilidade, já que os acordos são constantes. Afinal, reconhecer não é sinônimo de resgatar, mas reorganizar.



O corpo é o tempo, movimento, produção de tempo. Deste modo, as imagens não são acontecimentos recursivos, que se repetem como medidas de tempo, métrica mensurada em forma de periodicidade, uma vez que não ocorrem em intervalos temporais regulares, mas como lances aleatórios que se estendem, se espalham como probabilidades. São arranjos do corpo que indiciam sua evolução. E é esta evolução de

probabilidades que permite a visibilidade dos seus aspectos singularizados e a descrição da irreversibilidade dos seus processos.



Coreografia “Mini@tures” (1988-2001) do Grupo francês Mullerass. Dança para a internet.  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1408,1.shl>

### **Imagem: Fluxo no Tempo**

As imagens se organizam numa espécie de balanceamento temporal, pois o corpo configura estados a partir dos fluxos de informações para atingir certa estabilidade. Corpo: tratado aberto,

**Ramificações**

**Bifurcações**

**Sistema**

**Instabilidade**

sem resultado definitivo, uma vez que o fluxo das imagens é permanente. Assim, o resultado será sempre temporal, aparecendo como uma ocorrência do tipo 'solução' de problema.

Essa ocorrência não passa de uma dentre as inúmeras outras possibilidades existentes no corpo. Mesmo quando ocorre certa estabilidade, as informações se encontram implicadas em outras informações, em ações de transformação; um movimento dissipativo que gera ramificações e bifurcações. É o corpo diferenciando-se na ação de reconhecer e estabilizar:

Os genes proporcionam a um dado componente cerebral sua estrutura *precisa e determinada*. No entanto a estrutura determinada só pode ser obtida sob a influência de três elementos: 1) a estrutura exata; 2) a atividade individual e as circunstâncias (nas quais a palavra final cabe ao meio ambiente humano e físico e ao acaso); e 3) as pressões da auto-organização que emergem da extraordinária complexidade do sistema. (Damásio 1996: 140)

Em atividade constante, as imagens são irreversíveis, adquirindo sempre novas propriedades, porque ao se reorganizarem através dos acordos entre informações, outras imagens surgem. São ações seletivas e combinatórias e resultam sempre em um novo acordo. As imagens, assim, são informações compartilhadas entre o que se reconhece e o que se modifica.

As alterações que ocorrem no corpo são ignições de reconhecimento de sua existência, ou seja, ser corpo é experienciar, sentir e produzir continuamente sua própria evolução<sup>19</sup>, pois os

---

<sup>19</sup> O conceito de Evolução aqui empregado está embasado na Teoria de Charles Darwin (1809-1822), descrita em seu livro *A Origem das Espécies* 1859. Não remete, portanto, ao sentido de melhoria e progresso defendidos por Jean-Batiste Lamarck (1744- 1829) em sua Teoria da evolução que tem como mote principal a herança dos caracteres adquiridos. Hoje o conceito de evolução darwiniano não se

acordos são sempre processuais, as alterações são índices dos seus estados.

Evolução é processo, transformação, e se baseia, fundamentalmente, no mecanismo da Seleção Natural, o que implica em acaso, aptidão, especialização, adaptação, mutação. Em *latim*, significa "desabrochamento". Assim, evoluir não deixa de ser um desabrochar constante.

O corpo é um sistema composto de muitos subsistemas em permanente dissipação, pois não há como prever qual tipo de atividade irá escolher em suas ações integradas de sobrevivência, ou seja, dentre aquelas que são as suas atividades de auto-organização espaço-temporais. Contudo, experiencia estados momentaneamente estáveis, próprios das ramificações termodinâmicas, pois *"quando as estruturas dissipativas se produzem em condições afastadas do equilíbrio, sempre há uma distância crítica aquém da qual a ramificação termodinâmica é estável"* (Prigogine 1996: 70).

Mas as ramificações também se tornam instáveis, pois se distanciam dos pontos de equilíbrio quando se afastam do ponto inicial de bifurcação. É da natureza dos sistemas instáveis a ocorrência de bifurcações e estas emergem com novas propriedades. De modo que, toda ação do corpo é sempre uma ação modificada uma vez que *"[...] entidades vivas, incluindo o cérebro humano, tendem a 'morar' em estados coordenados metaestáveis e localizados próximos à instabilidade, onde eles podem mudar flexivelmente"*. (Kelson & Haken 1997: 180).

---

restringe apenas à Biologia e já se aceita não só a Seleção Natural, mas também a evolução Cultural, como propõe o biólogo Richard Dawkins.

Os pontos bifurcados são sensíveis a pequenas perturbações do ambiente e a “escolha” entre as ramificações é demasiada aleatória, mas comprometida com a integralidade e funcionalidade do corpo.

Os processos caóticos têm enorme importância, como demonstra a fisiologia nervosa. Curiosamente, ali o caos parece ser a condição prévia da atividade cerebral normal. Em caso de enfermidade, os sinais elétricos do cérebro tornam-se demasiados regulares. (Prigogine 1994:37).

É dessa maneira que o corpo opera, principalmente no âmbito das reações químicas, regulamentações bioquímicas e na fisiologia nervosa. As imagens do corpo apresentam-se como um modelo de coerência e auto-organização espaço-temporais de sistemas distanciados do equilíbrio.

O corpo como sistema físico-químico é mantido pelo fluxo que o afasta do equilíbrio gerando auto-organizações e evoluções, no sentido de diversidade e complexidade crescentes. A irreversibilidade apresenta transformações tecidas pelo acaso e pela necessidade das estabilidades.

Assim, os sistemas dinâmicos e sensíveis a perturbações aleatórias, ruídos e flutuações podem gerar tanto a ordem quanto a desordem. A natureza bifurcante dos sistemas instáveis engendra diferenças, flutuações que podem invadir todo o sistema exigindo um regime de funcionamento novo. Ou seja, tanto as flutuações<sup>20</sup> de

---

<sup>20</sup> As estruturas dissipativas são provenientes da ampliação de flutuações que pertencem em primeiro lugar ao nível microscópico. Quanto mais complexo o sistema mais risco ocorre na presença de flutuações, elas podem ser “perigosas”. No caso do corpo que se condiciona mutuamente com o ambiente as flutuações ocorrem de ambas as partes e podem promover novas estruturas. As flutuações podem também levar os sistemas ao um ponto crítico como podem promover a

origem interna como de origem externa podem promover novas estruturas, um mecanismo de organizações adaptativas entre corpo e ambiente.

A irreversibilidade cumpre um papel criativo na natureza. Em estruturas afastadas do equilíbrio podem surgir comportamentos coerentes e que se auto-organizam. A condição principal para que apareçam estruturas dissipativas é a imprevisibilidade, a instabilidade. As estruturas dissipativas ocorrem nos pontos de bifurcações onde emergem novas ramificações. E são os fluxos que as alimentam.

As estruturas cerebrais são alimentadas pelo fluxo de sinais deliberando suas funções. O número de estruturas cerebrais que se encontram entre sinais de entrada e de saída é efetivamente grande e produz padrões de conexão de alta complexidade. Assim, as estruturas são interpostas e operam na elaboração e produção de diferentes tipos de imagens. Como o fluxo é sempre ativo, o corpo explora sem cessar suas possibilidades combinatórias.

O corpo opera em conjunto e tal condição se expande para além dele no que tange sua relação efetiva com o ambiente. Como sistema dinâmico e instável, soluções criativas de sobrevivência ocorrem continuamente. Suas imagens afastadas da certeza e do equilíbrio procedem de atividades coesas e ações coletivas. É da natureza dos sistemas dinâmicos estabelecerem ações de conjunto.

É condição de complexidade e o corpo longe de ser um espectador, é parte de um fluxo de acontecimentos, já que o que está no corpo é corpo, e o mesmo não está no mundo, é mundo. Não se trata de um objeto que ocupa um lugar em um espaço previamente determinado. Mundo e corpo vão se desenhando através de suas

---

ordem. Não á toa, os fluxos que mantém o sistema longe do equilíbrio são flutuantes e "permite" o jogo entre acaso e necessidade.

trocas de informação, na rede tecida de cruzamentos entre natureza e cultura:

[...] a sinérgica e as abordagens afins mostraram que a natureza recorrentemente utiliza os mesmos princípios pra produzir formas “novas” nas escala macroscópica. Estas são propriedades globais do sistema: elas são explicitamente coletivas e (em geral) bem independentes do material que lhes dá sustentação (Kelson & Haken 1997: 180).

As imagens do corpo não podem estar separadas do mundo ao qual pertencem. São ocorrências cruzadas entre corpo e ambiente e, assim, cada corpo e suas imagens desenham as suas especificidades através de contaminações mútuas. A generalidade recai na condição do corpo processar e operar por imagens; é da natureza do corpo ser imagem.

O cérebro é um sistema criativo [...] cada cérebro constrói mapas desse ambiente usando seus próprios parâmetros e sua própria estrutura interna, criando, assim, um mundo único para a classe de cérebros estruturados de modo comparável. (Damásio 2005: 407).



Grupo Cena 11 CIA de Dança (Florianópolis) A coreografia SKINNERBOX Direção artística e coreografia Alejandro Ahmed. 2006

As imagens do corpo não são reflexos do corpo: são informações do corpo. E cada imagem implica em uma ação de percepção que revelará os aspectos que indicam seus processos. Uma vez que são sempre auto-organizações adaptativas, cabe salientar que, não é um sentido primaz de desorganização que aparece como mote principal do corpo. Embora experienciem sempre tal mecanismo em níveis variados, trabalha também com um sentido de movimento, maleabilidade e transitoriedade, bem como com o entendimento de que a incerteza e o risco nunca terão fim.

## **Imagens como informação evolutiva**

A vida de todo organismo é movimento. O corpo, como tudo que é vivo, se transforma pelo movimento. Enuncia em imagens seu caráter peculiar de existir em permanente fazer, ou seja, de estar sempre mudando. Assim, as imagens no

<b>Evolução</b>
<b>Seleção</b>
<b>Adaptação</b>
<b>Probabilidade</b>
<b>Possibilidade</b>

corpo “surgem” como resultados provisórios em um determinado espaço-tempo. Dessa maneira, decorrem de procedimentos traduzidos em estados temporais sucessivos; um processo de transcurso irreversível, que se encontra implicado na própria sobrevivência do corpo. Traduzidos porque transpostos e relatados, se constituindo continuamente.

Imagens ocorrem como traduções de códigos e se reorganizam na dimensão do reconhecimento e da geração de outros códigos. Por conta disso, elas aparecem emaranhadas e misturadas como indicações do corpo.

São acordos do corpo com o ambiente que se apresentam, também, como um conjunto de disposições que podem virar hábitos pela renegociação constante do acordo; uma relação de troca de correspondência contínua, pois ambiente e corpo se contaminam mutuamente. Imagens como hábitos são estados indiciais do corpo. É o acordo que está em jogo, em renegociações. E no corpo, implica em ação de tradução.

Imagens procedem de informações compartilhadas, provenientes de seleções e reconhecimentos que se encontram como corpus: informações que se tornaram corpo. A natureza de suas relações deriva de acordos consecutivos de um trânsito contínuo de trocas com o ambiente; organizações temporais de coerência<sup>21</sup>, que se configuram como imagem. São associações coesas implicadas nas seleções e transcorrem de diversas informações que participam incessantemente dos cruzamentos entre o corpo e o ambiente. Não são fixas; são co-relacionadas, formalizadas como agregados que sinalizam a natureza da imagem num jogo do faz - desfaz

permanente. Sendo assim, o corpo rejeita assumi-las como transação que entorna ou atravessa corpos entendidos como recipientes dentro de embalagens.

Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar na forma de corpo-processo sempre condicionado pelo entendimento de que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. E como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado do sempre-presente, o que impede a noção do corpo recipiente. (Greiner 2005:130)



Ângelo Madureira e Ana Catarina Vieira em *Clandestino* (2005) Crédito da Imagem: <http://www.fabricasaopaulo.com.br/articles.php?id=315>

As imagens se encontram implicadas na feitura do corpo, representando e negociando os custos que se alteram entre estados de estabilidade e instabilidade; aspectos do corpo. Deste modo, as imagens do corpo não despertam de um estado de não imagem, não há um ponto zero para o corpo. São acontecimentos

---

<sup>21</sup> Acontecimentos, idéias que constroem algum tipo de lógica própria. Não se encontra vinculado ao sentido de harmonia. Coerência encontra-se também embasada no conceito de organização da Teoria Geral dos Sistemas.

permanentemente reorganizados, que fazem da imagem corpo, e do corpo, pura imagem:

[...] Imagens como padrões mentais<sup>22</sup> com uma estrutura construída com os sinais provenientes de cada uma das modalidades sensoriais - visual, auditiva, olfativa, gustatória e sômato-sensitiva (a palavra provém do grego soma, que significa "corpo") Inclui várias formas de percepção: tato, temperatura, dor, e muscular, visceral e vestibular. A palavra imagem não se refere apenas a imagem "visual" e também não há nada de estático nas imagens. A palavra também se refere às imagens sonoras, como as causadas pela música e o vento, e às imagens sômato-sensitivas, que Einstein usava na resolução mental de problemas. (Damásio 2005:402)

Propõe-se aqui um entendimento de corpo e imagem em uma conjectura de eventos que "resulta" de um mecanismo inteligente que opera por replicação<sup>23</sup>, ao mesmo tempo em que emerge do mais puro acaso<sup>24</sup>.

Falar sobre o mecanismo inteligente e o acaso que é variação (Esclada do monte e relojoeiro)

Dessa maneira, cada ocorrência é singular exatamente por exibir um jeito próprio de se organizar. Assim, o alcance se estende para o entendimento de condições propícias para a emergência dos

---

<sup>22</sup> Segundo Damásio quando o corpo interage com um objeto ou algo externo a ele os sinais de toda estrutura corporal, pele, músculos, retina etc., co-participam na construção de padrões neurais sendo estes construídos pelas convenções do cérebro. Os padrões são obtidos transitoriamente nas regiões sensoriais e motoras do cérebro que processam sinais provenientes de regiões corporais específicas comprovando uma ação integrada no corpo na formação de imagens.

<sup>23</sup> Replicar: ação inteligente de reproduzir cópias de si mesmo, tentativa de conservação da informação seja ela genética ou cultural; estratégia de permanência.

<sup>24</sup> Acaso pode estar vinculado ao conceito de aleatoriedade no caso da biologia como também em sua esfera ontológica embasada na Cosmologia de Charles Sanders Peirce: como entidade que gera novidades e provoca crises sistêmicas. Em ambos os casos, se encontram atrelados ao sentido de incerteza e da

fenômenos em geral, ao invés de ideais. A exemplo, das imagens no corpo, onde a noção de re-começos intermitentes é dispensada pela de transformação, mais adequada quando se trata de um processo...

A descrição de um acontecimento (imagem) encontra-se, no senso comum, geralmente atrelada a uma unidade que se totaliza em si mesmo, nutrido, simultaneamente, a idéia de que algum tipo de ocorrência anuncia-se indicando uma ação de disjunção. Todavia, não há nada que apareça no corpo em estado absoluto de isolamento. A faculdade de produzir imagens no corpo foi lançada pela evolução – fruto das colaborações das contaminações de um rio digital com curso irreversível (Dawkins: 1996) - muito antes de materializar-se como corpo. O corpo humano em circulação hoje é muito jovem em termos evolutivos. Ele e também a sua capacidade de operar por imagem surgiram pela operação da seleção natural, o mecanismo inteligente e cego do processo de evolução.

As estratégias de sobrevivência do corpo são correlatas à seleção das informações que se manifestam, na maioria das vezes, como imagens. A seleção natural produziu esse design para o corpo e, justamente por isso, ele só pode ser pensado como uma espécie de mídia de si mesmo. Aquilo que foi sendo selecionado carrega o espaço-tempo da sua seleção. Por isso, a informação não passa pelo corpo, não o atravessa para ser expressa. Ela estanca nele, transforma-se nele, colaborando com a feitura permanente do seu design, *“pois desenha simultaneamente as famílias de suas interfaces”*. (Katz 2001:02). Assim, selecionar é uma ação corporal que agencia o fluxo e refluxo de informações na dimensão de um mecanismo inato do corpo. Atributo que lhe confere enunciações que resvalam em conhecimento amplo de generalidades, fatos, pessoas,

---

impossibilidade de previsão absoluta dos fenômenos como, também, a comprovação de que no mecanismo de replicação da informação há sempre perdas.

situações, estratégias de raciocínio, objetivos, previsões futuras além dos processos que envolvem emoção e sentimento:

Se a regulação biológica elementar é essencial para a orientação do comportamento pessoal e social, então o design do cérebro que provavelmente prevaleceu na seleção natural poderá ter sido aquele em que os subsistemas responsáveis pelo raciocínio e pela tomada de decisão permaneceram intimamente associados àqueles que estavam relacionados com a regulação biológica, dado o papel que desempenham na sobrevivência. (Damásio 1994:110)

Imagens são acordos adaptativos construídos pela seleção natural, que lida com seus dados históricos onde a Seleção Natural<sup>25</sup> tratou de construir<sup>26</sup>. Emergem como informações que combinam genes habilidosos que dão continuidade ao fluxo de informação ao tempo em que geram “novas” combinações em tempo real. A Presentidade é o tempo imediato do corpo. Assim, seleções eficientes não-aleatórias co-habitam no universo da aleatoriedade da variação. A relação entre aleatório e não aleatório torna a construção de organismos com mentes apta e capaz de se manter em flutuações: acordos contínuos de sobrevivência, tentativa de permanecer replicando idéias.

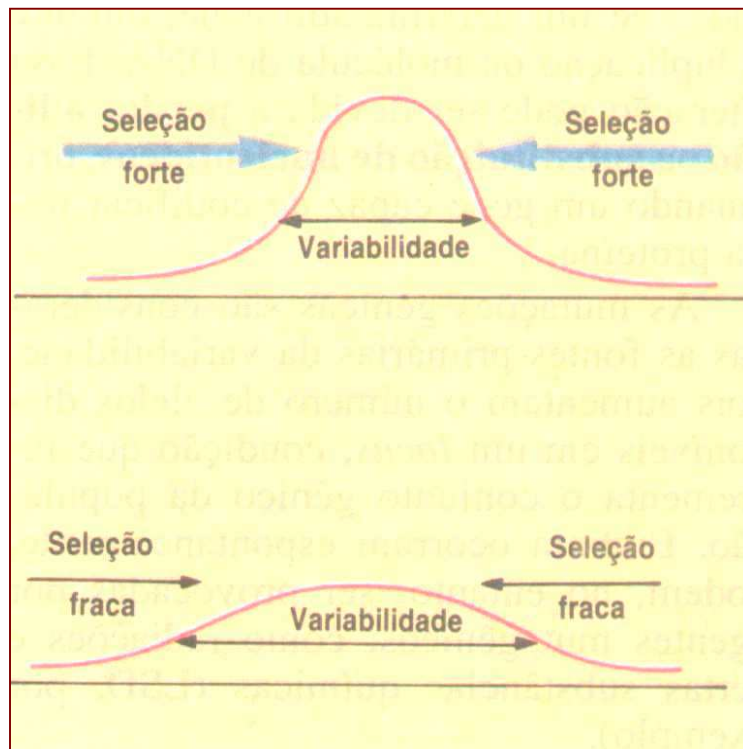
Selecionar implica em capacidade de adaptação. Contudo, o processo de seleção é contínuo, uma vez que a evolução trabalha com transformações e acordos constantes. Não é sinônimo de

---

<sup>25</sup> Com a publicação de A origem das Espécies de Charles Darwin em 1859, a formulação por Clausius da segunda lei da termodinâmica vinculada à entropia “S” que, em grego, significa evolução e a notável contribuição em 1872 de Boltzmann que formalizou a definição microscópica de entropia fortemente baseada nos princípios das probabilidades, a Teoria das probabilidades, o olhar sobre a Natureza não foi o mesmo, pois o corpo passou a ser investigado como parte dela embora, ainda exista notórias resistências nos dias atuais.

<sup>26</sup> A seleção natural é o fator evolutivo que atua sobre a variabilidade. As mutações ocorrem pelo acaso e pela seleção natural e esta implica em adaptação e evolução.

congelamento e refere-se à maior probabilidade de permanecer, em um determinado ambiente. Assim, age como um estabilizador, o que configura um mecanismo constante.



<http://sti.br.inter.net/rafaas/biologia-ar/teoria.htm>

A seleção natural tem um lugar especial na ciência porque só ela explica o que faz da vida ser especial. A vida nos fascina em razão de sua complexidade adaptativa ou seu design complexo:

Os seres vivos não são apenas lindas pecinhas de bricabraque; eles fazem coisas espantosas. Eles voam, ou nadam, enxergam, digerem alimento, apanham presas, fabricam mel, seda, madeira ou veneno. São proezas raras, além do alcance das lagoas, rochas, nuvens e outros seres animados (Pinker 1999:169).

As imagens co-participam dos processos de reconhecimento no corpo. São conectadas pelo tempo agenciando mecanismos de reconhecimento e de seleção efetivos, que a evolução concedeu:

As relações entre o corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. (Greiner 2005: 130)

Imagens surgem em fluxo, contínuo movimento, condição da irreversibilidade. Assim, na qualidade de fenômeno que se discretiza atravessadamente, ou seja, por meio de acordos em tempo real, manifesta-se em permanente dissipação. Não há nada que seja precisamente conservado. Não há repetições fiéis. E tais características comuns são pressupostos da evolução. Imagem, portanto, é informação: *"qualquer agente inteligente encarnado em matéria, trabalhando em tempo real e sujeito às leis da termodinâmica, deve sofrer restrições no acesso à informação"* (Pinker 1999: 151).

Imagens: jeito do corpo. Movimento de tradução permanente, o que impede associá-las a um material estocável. Elas não ocorrem por compilação de dados ordenados, nem por resgate nos acervos corporais. Imagens emergem entre probabilidades e possibilidades.



Cristian Duarte: Médelei - Eu sou brasileiro [eTc} e não existo nunca.

Isto implica na necessidade de se abandonar a velha sistematização teórica, muito freqüente na psicologia clássica, na teoria da informação e na filosofia cartesiana, onde o corpo se mostra como ambiente de certezas e condições muito prováveis, cujas representações o aprisionam em modelos de relação do tipo dentro – fora, externo – interno, sujeito – objeto. Nessas propostas, permanece fadado à relações de tipo causal, principalmente no que tange o corpo a serviço do cérebro *"Considere que o cérebro recebe sinais não apenas do corpo, mas, em alguns de seus setores, das partes de sua própria estrutura, as quais recebem sinais do corpo!"* (Damásio 1996: 114).

De uma perspectiva evolutiva, corpo e ambiente se desobrigam de um limite territorial excludente, pois a comunicação vista sob o olhar desta teoria científica apresenta-se como processo necessário e inerente, onde ambiente e corpo passam a ser o "resultado" de suas

relações num dado tempo em que se apresentam, pois é "*no corpo humano onde estão as evidências da inevitabilidade de ser contaminado e contaminar*". (Katz 2001:06). As interações entre corpo e cérebro na formação do organismo são mediadas na mesma intensidade.



Foto de Eugène Bavckar: Instituto francês de Naples (1997)

Corpo é imagem em movimento. Não é apenas 'ação para', mas 'ação em si mesmo', condição em sua própria feitura. Vale lembrar que as trocas entre corpo e ambiente se efetuam em processos co-evolutivos. É um "jogo" de contaminação recíproca, onde o corpo condiciona ao mesmo tempo em que é condicionado. Procedimento

que pode incorrer em hábitos, impregnações: imagens padronizadas, "envelhecidas" na insistência da existência através de replicações. O ambiente, também, se modifica e modifica as imagens no corpo e "*nada é puramente determinado pela genética ou pelo ambiente e que somos, como todas as outras criaturas, um produto complexo de ambos*" (Katz 2003: 04).



Manuel Vason: Pure Collaboratio  
Reino Unido / Itália. Esta  
instalação retrata o corpo como  
um lugar para performance  
através de colaborações como La  
Ribot, Marcela Levi,  
FrankoB.Ernst Fischer e Miguel  
Pereira. Idança.Typepad .com  
>artistas 2006

## Imagens: corpos em ativ

O corpo é um sistema complexo, característica dos sistemas abertos, o que lhe confere constantes modificações, produções sucessivas de estados. A incerteza é mera decorrência da evolução. E sendo assim, as imagens que se

<b>Informação</b>
<b>Comunicação</b>
<b>Representação</b>
<b>Conexão</b>

conformam no corpo aparecem como representações de seus acordos. Participando da evolução, surgem como organizações transitórias porque o mecanismo de produção de imagens é processual: a geração de seus estados se dá em contínua transformação. Não se esgotam como possibilidade.

O corpo opera por imagens, que constituem um dos seus recursos possíveis de se comunicar. São informações que validam a sua presentidade, pois se organizam como um "jeito" de corpo em um determinado momento. Desde uma ação motora, uma dor, aceleração dos batimentos cardíacos, manejar objetos e estabelecer relações com o ambiente: é o corpo em ativação, em estado contínuo de experienciar:

As imagens de todas as modalidades "retratam" processos e entidades de todos os tipos [...] As imagens também "retratam" as propriedades físicas das entidades e, às vezes imprecisamente, às vezes não, as relações espaciais e temporais entre entidades, bem como as ações destas. (Damásio 2005:402)

As imagens se estendem como exposições visíveis ao ambiente, apresentadas como estados do corpo, e formados pelos aspectos do corpo. O modo como as imagens se formam nos faz ver de outra maneira a relação entre o interno e o externo. A diferença e a demarcação entre eles ocorre na dimensão das relações com outro corpo<sup>27</sup>. Essas relações, interfaces entre um corpo e outro, são mediações que aparecem como um terceiro: fronteiras em permanente negociação. Extremamente necessárias, no que tange ao mecanismo de seleção e reconhecimento, como, também, na capacidade de agregar informações e transformá-las em corpo. As imagens, portanto, são conexões que se organizam como resultados

cruzados do fluxo de informações, enunciações comprometidas em rede.

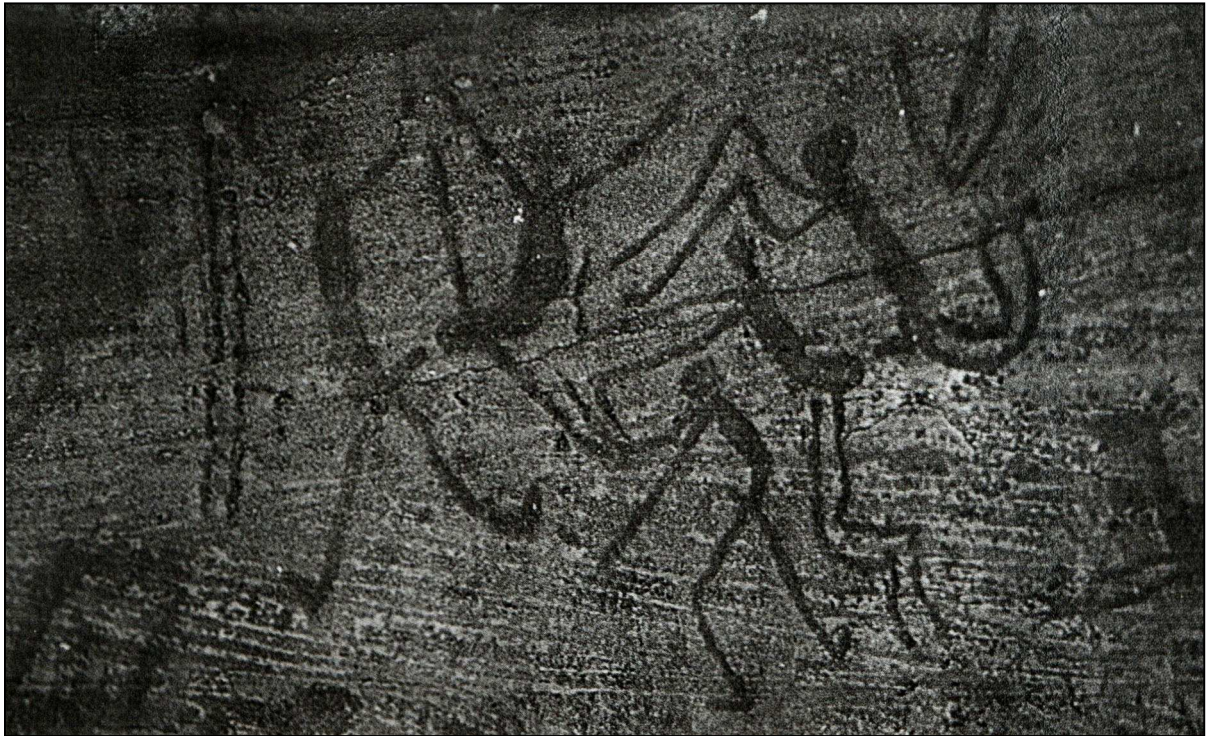


Imagem Indígena. Toca do Chico Coelho, Piauí entre 8 mil e 7 mil anos.

Corpos são imagens que são corpos, já que tanto um estímulo interno quanto um estímulo externo produzem idéias que recaem em um estado de presteza de ajustes constantes. Como são sempre provisórios, pois se efetivam em tempo real, suas imagens se auto-regulam dissipativamente e permanentemente, apresentando-se em estados metaestáveis. Os acordos são incessantes e transitórios, mas o mecanismo que possibilita sua realização é permanente: um movimento contínuo de prontidão. Por isso, as imagens-idéias de um determinado corpo pronunciam conceitos; semântica exposta em forma de significados, ainda que circunstanciados.

---

<sup>27</sup> Corpo pode ser qualquer outro corpo: o ambiente, outro corpo semelhante, diferente etc.

Conectadas ao tempo e ao espaço, uma vez que se organizam desse jeito, indicam estados do corpo, sejam eles conscientes ou não. Imagens 'de dentro' "brincam" com imagens que vêm de fora e viram 'de dentro' quando lá implementadas. Suas organizações representam pensamentos, ações cognitivas.

Quando uma imagem emerge no corpo, traz em si contaminações das redes de informação que, por sua vez, já se encontram contaminadas. Então, a imagem que surge apresenta-se como um acordo mediado no corpo. Sua aparência já é informação encarnada, que modifica o corpo ao mesmo tempo em que é modificada. Logo, o ambiente e seus signos, de alguma maneira, já estão internalizados. O ambiente mapeia o corpo: relações fronteiriças que co-evoluem.

Qualquer que seja a questão que possamos levantar sobre quem somos e por que somos como somos uma coisa é certa: somos organismos vivos complexos, com um corpo propriamente dito\* ("corpo", para abreviar) e com um sistema nervoso ("cérebro", para abreviar). (Damásio 1996:112)

O corpo, em sua complexidade, não se limita a interagir com o ambiente. Ele o transforma, ao mesmo tempo em que é transformado pelo ambiente, uma vez que, além de trocar e produzir respostas externas, gera também, concomitantemente, respostas internas: um acionamento mediado por imagens que podem ser visuais, auditivas, somatossensoriais, sonoras; *"a natureza não permite que os portos sensoriais falem diretamente uns com os outros e também não consente que falem diretamente com os controles motores"*. (Damásio 1996:119).



Foto de Sebastião Salgado

O corpo opera por mediações e não se restringe a receber e enviar sinais uma vez que em suas relações de comunicação, a ação de traduzir já implica em modificação:

[...] a comunicação dos setores de entrada entre si e dos setores de entrada com os de saída não é direta, mas antes mediada pela utilização de uma arquitetura complexa de agregados de neurônios interligados". (Damásio 1996: 119)

Submetidas a processos, se encontram entrelaçadas como redes informacionais que evoluem. Imagens configuram mediações e exercem semioses<sup>28</sup>, ações ininterruptas. Emergem em fluxo, pois não estancam enquanto possibilidade porque, "*toda nossa memória herdada da evolução, nossa memória sobre as coisas em geral existe na forma dispositiva*" (Damásio 2005: 419). Sendo assim, os signos - sinais se encontram como possibilidade de denotar relações, eventos, símbolos e organizações singularizadas. Quando se tornam imagens, são ações.

## Imagens Congeladas

<b>Modelos</b>
<b>Implementação</b>
<b>Códigos</b>
<b>Estabilidade</b>

---

<sup>28</sup> O mundo não está dividido entre coisas, de um lado, e signos, de outro. Para Peirce 'qualquer outra coisa que qualquer coisa possa ser, ela também é signo' (apud Santaella, 1992: 76).

Semiose ou ação o signo é o termo técnico geral, utilizando para recobrir o campo semântico de termos como inteligência, mente, pensamento que, segundo Peirce, não são privilégios humanos ( Santaella, 1992: 79).

As imagens do corpo se expressam por combinações entre informações digitais e analógicas que acordadas como índices, códigos, divulgam-se como meio de comunicação do corpo. Há um fluxo de auto-organizações constantes entre essas informações que resultam como formas que se alternam nos ajustes entre dissipações e regularidades.

As imagens se narram como leituras do corpo, num trânsito entre diferentes naturezas de informação. Codificações e decodificações, transduções e traduções, inseridas nos processos que incidem no rastro de uma estabilidade. E assim, podem virar colas uma vez que atingem certa regularidade: visibilidade que se configura como gírias do corpo, informação encarnada no corpo.

Imagens são encaminhamentos que deslizam em trajetórias evidenciadas no corpo; caminhos selecionados e acordados entre genes-informação digital e memes-informação analógica e anunciam em suas relações adaptações e conformações entre a estrutura do corpo e suas funções. De modo que, o corpo e suas imagens se arquitetam permanentemente nos processos que procedem desses acordos. Não é nem o corpo e nem o ambiente que garantem a informação, mas no acordo entre eles que se mantêm em movimento de atualização. Sendo assim, corpo e ambiente se compõem em co-autorias.

Gírias são padrões. Sistemas de códigos constantemente combinados. Fluxo de replicações de informações que se contemplam como propriedades que constituem a natureza dos acordos efetuados e destacam-se como proposições que conceituam e contextualizam o estado em que o corpo se encontra. Sendo o corpo meio e mensagem, suas imagens são indicadores evolutivos de seus estados.



A percepção de padrões no corpo permite investigar a continuidade de alguns acordos bem como algumas estruturas organizacionais que surgem de suas negociações com o ambiente e que exercem o mesmo mecanismo de produzir padrões como forma de ganhar estabilidade ao longo do tempo. É a partir da comunicação dessa rede informacional, de um alfabeto que ajusta natureza e cultura onde ocorre em primeira instância no corpo que se formam sistemas de linguagens, visuais, sonoros, verbais cada vez mais complexos e que também se encontram implicados nos

procedimentos co-evolutivos a exemplo do mecanismo de providenciar outros padrões:

Pensem nos fenótipos como alavancas por meio das quais os replicantes bem-sucedidos abrem caminho para a geração seguinte. De modo mais geral, fenótipos podem ser definidos como conseqüências de replicantes que influenciam o sucesso de replicantes, mas que não são eles mesmos replicados. (Dawkins 1996:132)

Assim, as gírias ou informações que se apresentam como regularidade são imagens visíveis que diferem um corpo do outro. São informações que resultam de combinações entre as imagens do ambiente e as imagens do corpo. Tais combinações tornam-se padrões quando as imagens procedem de negociações regulares. Desta maneira, não é apenas a informação que replica, mas o tipo de acordo que deve ser eficiente. No caso do padrão, são as informações partilhadas que denotam as propriedades coletivas de sua constituição mantendo-se no mesmo mecanismo co-evolutivo das adaptações.



Foto 6: José Bassir – Festa do Santuário, Bom Jesus da Lapa, Bahia, 2000

O corpo carrega informações selecionadas para a sua permanência, o gene se replica, traduz-se como autogerador assim como a informação cultural co-participa desse jogo uma vez que o processo evolutivo da comunicação impõe novos requisitos de caráter irreversível para os corpos de uma maneira em geral. As diferenças e semelhanças no processo de seleção de padrões são atributos das relações e servem de mecanismos de distinção e associação para a permanência de uma dada organização:

A história das mudanças estruturais de um dado ser vivo é sua ontogenia. Nessa história todo ser vivo começa com uma estrutura inicial, que condiciona o curso de suas interações e delimita as modificações estruturais que estas desencadeiam nele. Ao mesmo tempo, o ser vivo nasce num determinado lugar, num meio que constitui o entorno no qual ele se realiza e em que ele interage, meio esse que também vemos como dotado de uma dinâmica estrutural própria, operacionalmente distinta daquela do ser vivo (Maturana et al 2002:107).



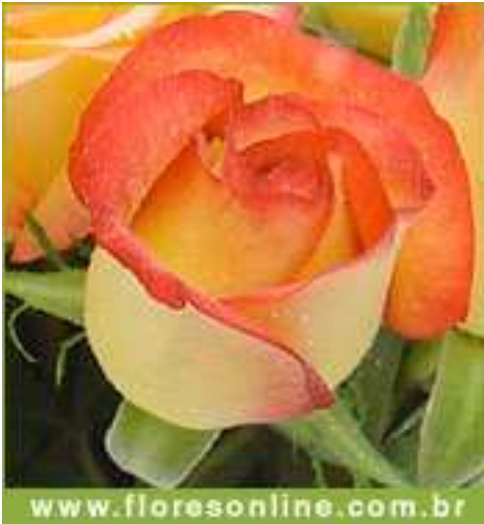
Foto 7: José Bassit – Ex-votos, Canindé, Ceará, 2000

Fotos extraídas do artigo A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil\* de José de Souza Martins. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid)

Sistemas culturais são padrões de informações. Sistemas são “coisas” que se organizam para formar “coisas”; brincam de produzir padrões. As imagens também são padronizadas, se congelam quando incidem como colas no corpo e colaboram para a continuidade de modelos. Padrões são sistemas informacionais com estruturas e funções próprias e apesar de participarem do jogo das transformações mantêm-se em baixo grau de dissipação; uma estabilidade ocasionada pela repetição de seus códigos e eficiência dos seus acordos.

Os padrões são sistemas de imagens, pois produzem configurações que divulgam seus *designs*. Há, então, um conjunto de informações que se mantêm ao longo do tempo para a formação de padrões estáveis; imagens congeladas. Dissipam lentamente, pois o ambiente alimenta esse conjunto de informações. Logo, modelos representam a eficácia dos acordos entre corpo e ambiente: ação de replicar padrões, imagens “congeladas”. Contudo nada impede a emergência de padrões aleatórios. O mecanismo se encontra na possibilidade da replicação, mas de maneira alguma impede às transformações. Além do mais, o engenho de replicar padrões não se encontra restrito a um corpo, mas aos corpos: é feitiço da evolução.

Existem diferenças de padrões: os que repetem continuamente uma vez que possuem a capacidade de replicação com maior grau de conservação da informação, e os padrões aleatórios. As propriedades relevantes que assinalam os padrões são a auto-semelhança e a complexidade ilimitada enquanto sistema auto-gerador. Assim, cada pequena porção de um padrão poder ser vista como uma réplica de um todo.



<http://www.floresonline.com.br/flores.asp>



É importante esclarecer que a irregularidade também produz padrões. Essa foi a descoberta de Benoit Mandelbrot quando constatou que o grau de irregularidade permanecia constante, ou seja, a irregularidade é paradoxalmente regular. Tudo começou quando ele usou os computadores da IBM para processar os preços do algodão e percebeu que os números mostravam contradições quanto à distribuição. Mas havia certa ordem e simetria em pequenas e grandes escalas, ou seja, as seqüências de variações independiam da escala. As variações diárias e as mensais correspondiam-se perfeitamente. Logo, que há padrões que emergem na aleatoriedade.



Crédito da imagem: <http://www.geocities.com/inthechaos/fract.htm>

Não á toa, os padrões têm suas formas de organização. No corpo que dança, as evidencias mostram-se perceptivas quando um corpo habitualmente repete um movimento ou organiza seus movimentos de uma determinada maneira semelhante a um determinado padrão ou um tipo de arranjo de determinadas informações. Como sistema aberto, a aleatoriedade está presente na produção de padrões e formas de pensamento do corpo. E assim, os padrões são modificados e evoluem.



Balanchine. New York City Ballet  
Crédito da Imagem: <http://www.wooz.org.br/dancaeliana4.htm>

O corpo se comunica por imagens. Padrões neurais dinâmicos e inter-relacionados. É uma mistura que se enlaça em unidades mínimas, códigos entre natureza e cultura, fluxos que se materializam como informação física: corpo. Porque imagens são esses fluxos e prosseguem no tempo em ritmos lentos e rápidos, em sincronicidade e “confusões”, podendo estar sobrepostas, convergindo ou divergindo e até mesmo concorrendo entre si.

O corpo age em diversidade de imagens, em suas relações temporais e espaciais. E sendo assim, as imagens que vêm de fora do corpo necessitam de um acordo para ganhar materialidade. Ao

“congelarem-se’ como semelhante a um outro corpo adota requisitos de parença”. Com esse tipo de mecanismo, o padrão age na regularidade e tem como atributo a generalidade; não lida com diferenças, pelo contrário, replicam com o objetivo de homogeneização, embora a instabilidade e aleatoriedade impeçam tal mecanismo. Afinal, não há medição para o acaso.

O corpo é processo comunicacional e elo entre seu passado e presente genético-cultural. *“Hoje, sabe-se que nada é puramente determinado pela genética ou pelo ambiente e que somos, como todas as outras criaturas, um produto complexo de ambos” (Katz & Greiner 2003:04)*. O padrão cultural já é um tipo de sistema informacional relativamente estável. Mas como se trata de um fluxo analogicamente veloz, faz-se necessário uma sofisticação na estratégia evolutiva de permanência de seus códigos. No mundo da informação, a renegociação e celebração dos acordos entre corpo e ambiente são necessários para gerar condições eficientes de continuidade.



[http://www.desmobilia.com.br/asp/prodtype.asp?prodtype=51&PT\\_MasterCategory](http://www.desmobilia.com.br/asp/prodtype.asp?prodtype=51&PT_MasterCategory)

Nos acordos efetuados ocorre a emergência de padrões intencionais, imagens congeladas que apontam como setas direcionadas para algo, coisa, corpo etc., um programa estratégico de extensão: é a propagação mantida pelo movimento constante em

direção a. E segue para o “endereço correto” uma vez que se porta como um conjunto de informações determinadas e selecionadas.

Modelos são padrões, que podem contaminar os corpos, quando implementados. Os modelos estabelecem novas conexões uma vez que difundem sua lógica de organização: prática enunciada no mecanismo de produzir semelhanças. Assim, quando um padrão é acordado no corpo ocorre inicialmente como imitação, uma simulação do outro, em outro... Se constitui como imagem do corpo e dissolve, assim, as trincheiras entre um corpo e outro: o modelo então, se encontra em visibilidade, em execução.

Assim, padrões propiciam probabilidades de designs uma vez que a relevância de suas replicações se encontra como projeto, na idéia de, e não em um tipo de formatação, já que as informações não se encontram encapsuladas. São acordos constantes que expõem suas formas de organização; são estados provisórios de disposição e aparelhamento da informação que podem se acomodar em maior ou menor grau. Reconhecer um padrão é noticiar que de algum modo que essa informação está no corpo: e sempre submetidos à evolução.





"Mãos  
dias  
sobre

na passagem" Artigo de Carolina  
Casão e foto de Luciano Bitelli  
um ritual dos índios Tinuka.

<http://www.fotosearch.com.br>

## Batalha dos Memes

Padrões são sistemas informacionais, uma vez que resultam do cruzamento de muitas

**Genes**

**Memes**

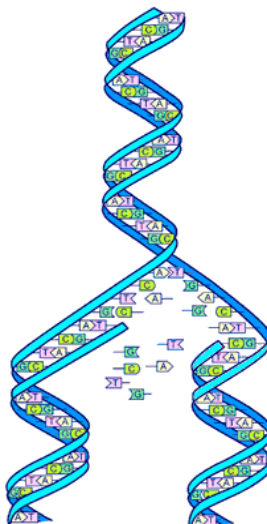
**Replicação**

**Implementação**

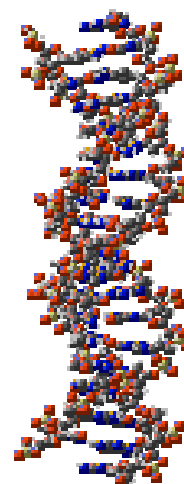
**Modelos**

informações, servindo-se de “molde” para propagar cópias de si mesmo. As imagens são auto-replicas. E como tudo que replica, geram variantes que se utilizam do mesmo mecanismo de replicação; uma estratégia de competição. Assim, entendendo o DNA como uma cadeia de comprimento indefinido onde sua gama de variações é infinita, pode-se tratá-lo como uma metáfora para a compreensão da natureza das informações culturais. E, com essa metáfora, torna-se possível investigar criteriosamente como as suas replicações reverberam e se tornam exponenciais de uma forma bem particular.

Replicação do Dna



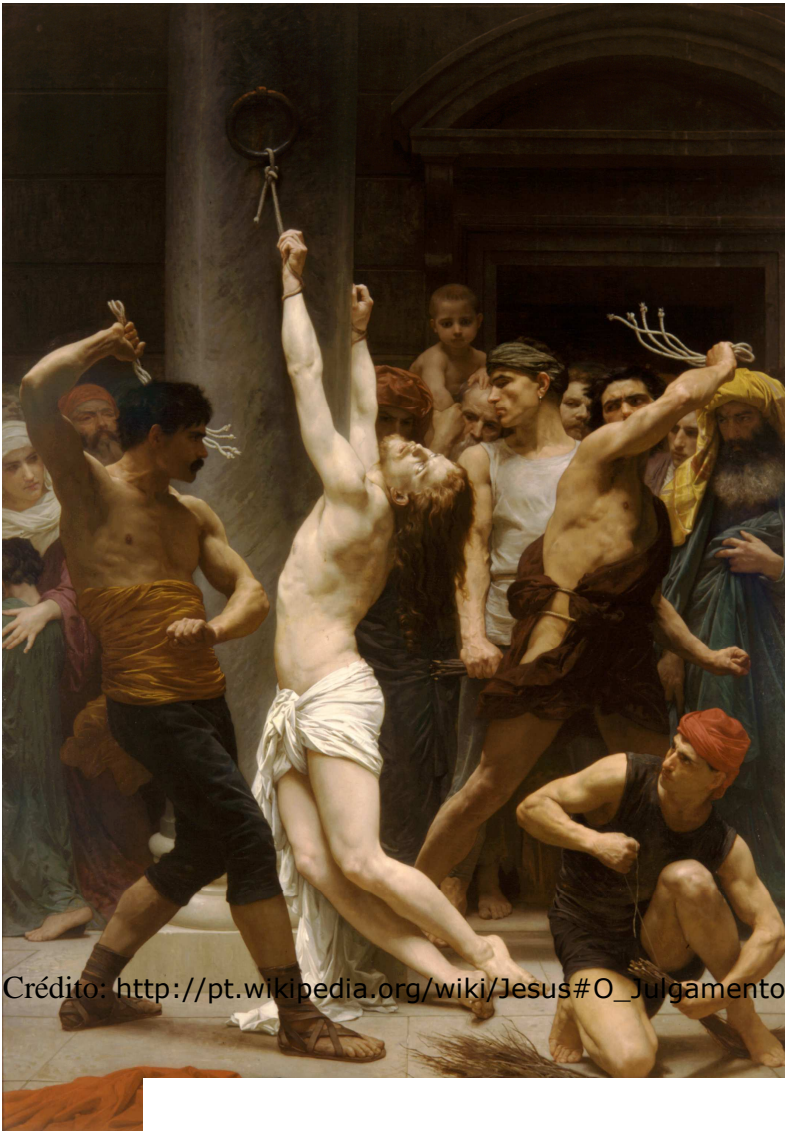
Dupla Hélice



Crédito da Imagem: <http://pt.wik.org/wiki/imagem:Dna-split.png>

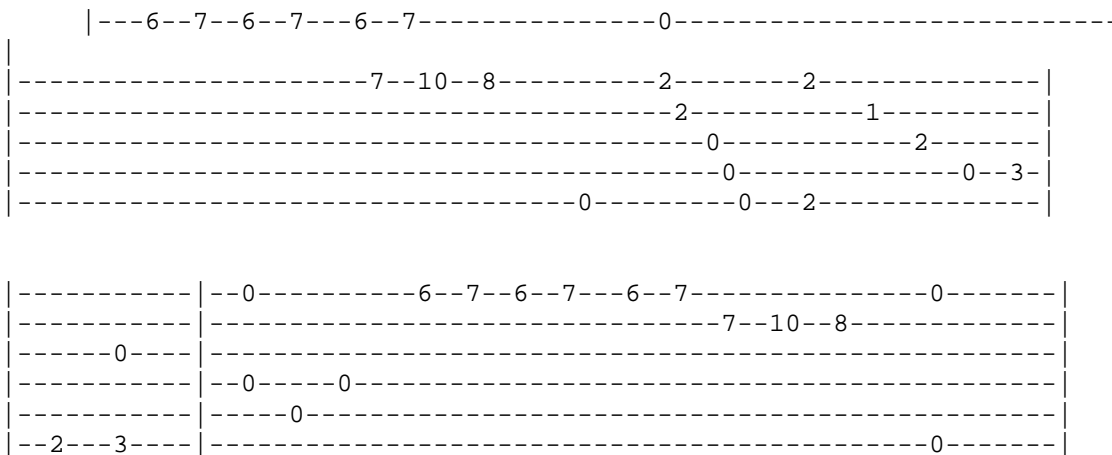
O meme é uma unidade mínima, análoga ao gene. Um padrão é uma cadeia de códigos, que também passam pelo processo de combinações que resulta em variações de sua forma inicial, aquela da qual se duplicou. Na batalha das replicações, o surgimento de uma diferença e a exclusão de um determinado ambiente pode limitar a capacidade de duplicação. Na competição pela replicação, podem surgir variantes mais eficientes que provavelmente substituirão seus

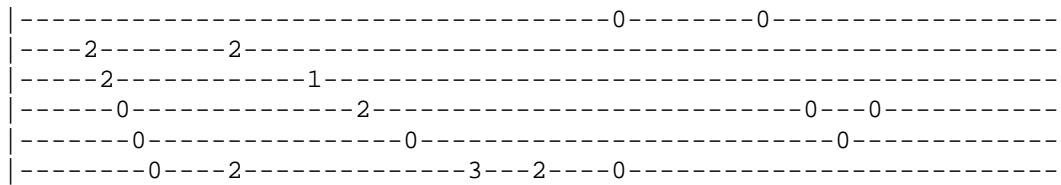
rivais. A replicação em si não exerce um procedimento consciente, mas sim um programa de continuidade.



Crédito: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus#O\\_Julgamento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus#O_Julgamento)

Meme é um termo criado em 1976 pelo biólogo reodarwinista Richard Dawkins, em seu livro *O Gene Egoísta*. Considerado uma unidade de informação que replica de cérebro para cérebro, pode ser reconhecida em livros, músicas, danças etc. Memes podem ser idéias, partes de idéias, línguas, desenhos que, de alguma forma, se auto-propagam. É a Memética que se dedica na perspectiva darwiniana, a estudar os modelos de transferência da informação.





) 5º sinfonia de Beethoven.

Crédito ;[http://beethoven.cifras.art.br/cifra\\_15233.html](http://beethoven.cifras.art.br/cifra_15233.html)

Há diferentes naturezas de imagens. E algumas se estabilizam como protótipo no processo da comunicação. De tal modo, além da possibilidade de apresentarem-se como diversidade, encontram-se implicadas na probabilidade de circulação, já que o sucesso da replicação depende da frequência do fluxo e da capacidade de movimentar-se em vários ambientes. As imagens, assim, podem grudar e entrar nos corpos como vírus. A eficiência localiza-se na aplicação: na capacidade de poder desdobrar suas duplicações.

Replicantes sobrevivem não em virtude de suas propriedades, mas em virtude dos causais sobre uma outra coisa, que chamamos fenótipo [...] pense nos fenótipos como alavancas por meio das quais os replicantes bem-sucedidos abrem caminho para a geração seguinte (Dawkins, 1996: 132).

Os fenótipos são conseqüências dos replicantes. Uma vez que o máximo de possibilidades e de cruzamentos produzindo variações seja alcançado, os replicantes trafegam no fluxo das informações. Os fenótipos dos quais os replicantes garantem a sobrevivência se estendem na natureza. Corpos são meios de sobrevivência dos memes, são máquinas de replicação.

Num dado momento formou-se, por acidente, uma molécula particularmente notável. Vamos chamá-lo o replicador. Não terá sido necessariamente a molécula maior ou mais complexa de todas, mas tinha propriedade extraordinária de ser capaz de criar cópias de si mesma. (Dawkins 47: 1976)

A maior parte daquilo que o homem tem de pouco usual pode ser resumido numa palavra: <<cultura>>. Utilizo a palavra não no seu sentido erudito, mas como um cientista a usa. A transmissão cultural é análoga a transmissão genética, no sentido de que, sendo embora essencialmente conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução (Dawkins 295: 1976).

## Antes só do que mal acompanhado<sup>29</sup>

Memes sofrem mutações que se auto-replicam na tentativa de se manterem estáveis por um bom período de tempo. Uma mudança abrupta que é o caso de uma mutação ocorre por procedimento aleatório, portanto não se submete à procedimentos anteriores e segue implicada em novos processos evolutivos.

Memes são idéias e idéias são constituídas de imagens que possuem uma estrutura própria, alimentadas pelo fluxo de suas duplicações. Fluxo e estrutura sinalizam a conformação das imagens de um determinado corpo, sua ação no mundo: corpo é imagem em ação permanente.

---

<sup>29</sup> Provérbios e Aforismos são memes

Assim, a informação não se encontra isolada, mas linkada a muitas outras informações. E a imagem se constitui por combinações de informações co-relacionadas, que se dobram e redobram nas probabilidades das mutações. Imagens se aderem aos corpos como colas, e os mesmos as incorporam como ignições de suas ações.

Ciranda cirandinha, vamos todos cirandar. Vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar.<sup>30</sup>

Memes são imagens no corpo. Um movimento de dança, uma música, uma idéia, um sabor: integração de transmissão cultural. Estrutura conectada como uma unidade de imitação. Corpos se imitam através de memes nas imagens de outros corpos. E imitar não é copiar, é trazer somente uma parte de um outro, a parte possível de ser transmitida neste processo de replicação. É compartilhar, combinar informações: um acordo de reconhecimento de um corpo no outro, reconhecimento de informações. Isto é: imagens se duplicam em si mesmo e se propagam nos corpos.

---

<sup>30</sup> Canções da cultura popular também são memes.



Marta Graham (1899-1991)



Gabi Imparato em Morse de Sangue- 1988

Quando uma imagem é regular, sua cadeia de informação é extremamente coerente<sup>31</sup> e pode fazer do corpo sua morada, utilizando-o como meio de reprodução. Imagens são memes férteis, pois se encontram como cruzamentos de diferentes naturezas de informações. O acordo entre corpo e imagem implica na própria feitura do corpo. Imagens replicam como corpos que replicam como imagens. Numa breve analogia ao memes de Dawkins, os corpos se encontram no *pool* de imagens. É importante ressaltar que as imagens que se configuram como padrão não são estáticas, pois se dissipam se auto-organizam e se transformam.

Exemplos de memes são melodias, idéias, lemas, modas de vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Tal como os genes se propagam no *pool* genético, saltado de corpo para corpo através dos espermatozóides ou dos óvulos, também os memes se propagam a si mesmos no *pool* me memético saltando de cérebro em cérebro através de um processo que, num sentido lato, pode ser chamado imitação. Se um cientista ouve ou lê sobre uma boa idéia, transmite-a aos seus colegas e estudantes Dawkins 300: 1976).

---

<sup>31</sup> Coerência não é sinônimo de harmonia, pois se refere a uma lógica de organização a partir de conexões efetuadas.

Quando o corpo implementa uma idéia de, uma imagem de, carrega um programa de continuidade . As imagens se apropriam da possibilidade de permanecerem. A idéia, por exemplo, de que uma técnica de dança serve para a prática de vários corpos está completamente co-relacionada à imagem que se produz, pois que essa técnica será apresentada para o processo de transmissão através de imagens. É preciso lembrar que os corpos sobrevivem em acordos: nem toda imagem pode ser a imagem de um corpo.

Imagens se estendem e travam verdadeiras batalhas pela sobrevivência nos corpos. Sistemas de imagens são combinações de imagens que exercem uma estratégia colaborativa de informações. Nos corpos desatentos há risco de que a contaminação resulte em imagens "congeladas" - sistemas que sofrem baixa variação termodinâmica. Tais imagens, portanto, transformam-se muito lentamente.

Uma imagem como idéia ou como um sistema de idéias pode ter um grau de duração ampliado quando produz um efeito de adaptação no corpo, o que implica em uma acomodação vinculada à sua sobrevivência. Imagens infectam os corpos que infectam as imagens e se espalham como impactos em diversos ambientes. Trocas de imagens: trânsito de modelagens.

Nem todas as imagens são selecionadas e, deste modo, não permanecem no *pool* de imagens. Mesmo porque as imagens, apesar de efetuarem acordos particulares entre corpos, apresentam sua força replicadora quando se encontram como generalidade: duplicações de semelhanças que se apresentam como padrões.

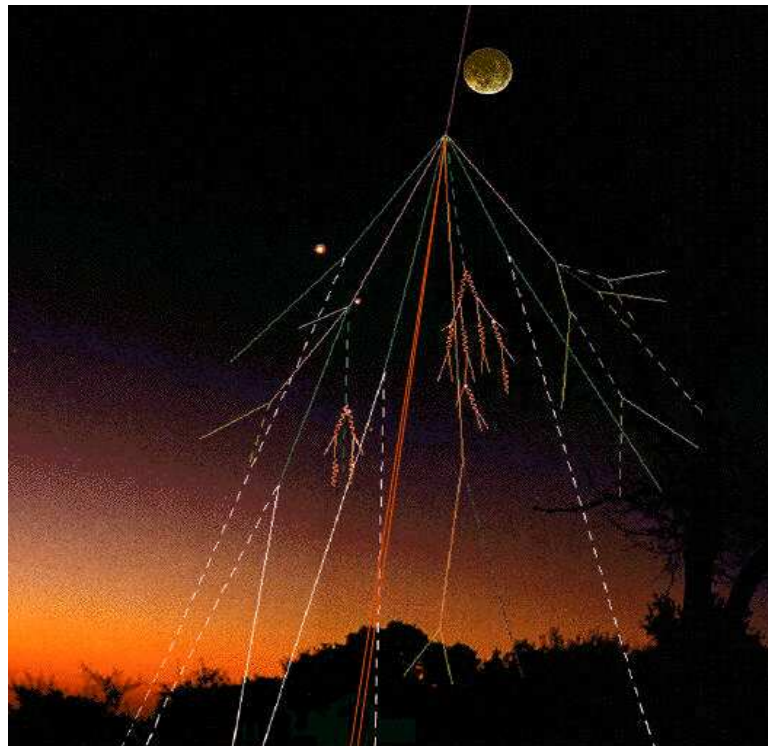
A replicação de uma imagem se dá no procedimento de conservar parte de si mesma no ambiente no qual pretende se inserir. É um procedimento de imitação que tropeça na impossibilidade de copiar fielmente, mas que se aplica como procedimento eficiente de aprendizagem. Corpos aprendem imitando corpos; se investigam nas imagens de outros corpos e se transformam, uma vez que o processo é cumulativo. Ou seja, trata-se de um processo de seleção cumulativa. A replicação é um mecanismo de permanência que age na tentativa de conservar certas informações, embora sempre ocorra, em cada duplicação, uma mudança aleatória. Assim, nem a imitação pode ser uma cópia.



A imitação como replicação é condição de aprendizagem dos corpos. Mas sua eficiência não se restringe à reprodução do que está sendo replicado e sim, na aplicação de uma determinada instrução.

Se a idéia de um corpo universal, ou de uma técnica de dança universal permanecem ainda nos dias atuais é porque sua difusão é extremamente aceitável e fecunda. Isso significa que são inúmeros os ambientes e os corpos que concordam mutuamente com tal enunciado, apesar de tantas evidências sobre a sua falsidade. Mero engano que comprova que a replicação, como mecanismo da evolução, é cega. Corpos geram padrões e possuem características

gerais independentes de seus tipos, mas em hipótese alguma são universais. O universo é outra história. E povoado de informações, de diferenças.



Raios cósmicos descobertos pelo físico austríaco Victor Franz Hess (1883-1964): partículas carregadas principalmente de prótons, extremamente energéticas, vindas do espaço e que atingem a terra.

<http://www.fotosearch.com.br/fotos-imagens/estrelas.html>

Imagens são transmitidas sem fidelidade de cópia, tal qual sucede com os memes. Imagens são sempre alteradas, pois são constituídas de informações partilhadas. Misturas que denotam seu aspecto mutante. Uma imagem que replica é uma idéia que se propaga nos corpos. E tal ação não se incumbe de produzir interpretações ou significações nos mesmos. Esse é um outro atributo de tradução dos corpos. Difundir-se tem de fato um propósito: a permanência da informação.

De fato, é possível pensar em um mundo repleto de imagens. Imagens comercializam seus corpos replicando-se e estendendo-se como mecanismo evolutivo. Competem pela possibilidade de se constituírem como corpo, como padrões de corpos, exibindo sua tática na aplicabilidade: imagens sobrevivem dos acordos entre imagens.

Dawkins coloca que o meme religioso é a fé que significa confiança plena na ausência de evidências. Essa fé se configura com imagens e muitas imagens exercem essa mesma função de cegueira. Assim, imagens são eficazes quando desencorajam suas rivais, quando se estabilizam e conseguem dispensar uma avaliação crítica sobre elas. Como o corpo é sempre imagem em movimento, sua imagem encontra-se comprometida com suas ações.

Imagens, como os memes, dependem da velocidade dos corpos para replicá-las. Todo corpo passível de replicação é utilizado para transmiti-la ativamente. Logo, modelos são ingeridos como imagens ideais. Corpos são flagrados pela competência de algumas imagens.



Imagens são combinações de informações, idéias co-adaptadas. E evoluem como informações complexas entre seleções e mutações. Assim, a seleção favorece a replicação das imagens que são acordadas nos corpos e, nessa operação, tudo o que é selecionado tende a continuar a sê-lo, pois a cada vez que ganha mais uma chance de replicação, aumenta a sua possibilidade de sobrevivência.

Pensar em corpo e mente como duas substâncias distintas coexistindo no corpo, teoria e prática como procedimentos dissociados, método e concepção como eventos díspares, são memes que se alastram por muito tempo; imagens que se estendem pelos corpos, estratégias evolutivamente estáveis. A duração é uma arma poderosa para vencer a corrida pela permanência. E quanto mais permanecem, mais oportunidades de replicação encontram, o que os torna cada vez mais fortes. Para se eliminar tais tipos de acordos, faz-se necessário desenvolver estratégias que possibilitem que outros tipos de memes sejam colocados ao lado desses memes dominantes para que, ao longo do tempo, consigam produzir uma prole igualmente poderosa e que, então, desestabilizará o que era hegemônico até então.

Química da fé cega que impede a lógica de que o corpo é o meio das imagens: atalhos sedutores das imagens. A imagem de um corpo é ação combinatória, se apresenta em sua inteireza e se assume misturada nos acordos entre corpo e ambiente. Texturas contaminadas de informações em seu estado provisório de presentidade.

## **Imagem como Metáfora**

No processo da comunicação do corpo, as imagens são fundamentais. Elas não ocorrem apenas como um modo de operação interna do corpo, mas como modo de se comunicar com o mundo. O que

vem de fora do corpo, vem como imagem, numa carretilha de tantas outras. Assim sendo, a imagem não se limita a uma informação, mas é um conjunto delas, pois emerge sempre em parcerias sucessivas de

**Metáfora**

**Organização**

**Configuração**

**Conceito**

**Categorização**

muitas informações, o que acarreta um tipo de composição, e organização.

Tal condução proporciona uma continuidade de emergências de imagens em rede, sempre misturadas com as experiências já vividas do corpo e as que o mesmo troca em sua ação presencial. São acordos experienciais, uma vez que as imagens são informações que se misturam nas negociações entre corpo e ambiente.

Corpos se movem como imagens no espaço-tempo, transformando-se. Imagens descrevem suas processualidades. Logo, a imagem que aparece se encontra como um texto de muitas informações e signos. Imagem composta, partilhada, híbrida. Nesse sentido, as imagens também são metáforas que se contextualizam em cadeias de códigos; índices das relações do ambiente e do corpo, pois se encontram implicadas na formação de uma rede conceitual.

Independente de onde as imagens surjam, sempre estarão conectadas numa rede compartilhada. É importante lembrar que misturar não que dizer homogeneizar, mas sim, efetivar conexões: uma ação colaborativa de informações. E nem todas as metáforas-imagens representam, de fato, alguma relação direta com algum evento, ou seja, algum tipo de aplicabilidade. Seus conceitos podem ser estendidos para além das formas convencionais, o que não inviabiliza o processo da comunicação e entendimento das mesmas. Metáforas ganham forma nas imagens.

Há uma diferença entre metáforas que são *coerentes* (isto é, que “se encaixam”) entre si e aquelas que são *consistentes*. Descobrimos que as ligações entre as metáforas envolvem, provavelmente, mais coerência do que consistência. (Lakoff & Johnson 2002: 104).

Metáforas<sup>32</sup> ocorrem como um modo de sistematização da comunicação do corpo. Operações de códigos metafóricos podem incidir em contextualizações. Entretanto, quando ocorrem em um ambiente que não as reconhece, perdem sentido. Contexto ganha texto quando o corpo e o ambiente se comunicam em trocas, o que implica em relações de enunciações. Metáforas são imagens categorizadas que, no corpo, portam aspectos visíveis que sinalizam a possibilidade de comunicação do corpo em um determinado ambiente e, portanto, posicionamentos e atitudes diante do mundo.

*Para mim, dançar com um único objetivo de fazer os outros entenderem as imagens que o tema evoca é apenas uma questão anterior ao Butoh; o problema se encontra daí para frente. (Kasuo Ohno)*



Kazuo Ohno

Conhecido como referência da dança Butoh junto com Tatisumi Hijikata na década de 40, Japão, pós-guerra. Essa dança surgiu de cabaré, sarjetas, ruas de Tóquio. Ohno busca a decrepitude e a beleza, o cômico, o absurdo: a complexidade.

<sup>32</sup> O conceito sustenta a hipótese de que a metáfora não é apenas uma forma de falar sobre a comunicação, mas uma forma de pensar e de agir. Consiste em "compreender e experienciar uma coisa em termos de outra" (p.48). Apresentado por George Lakoff e Mark Johnson em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002) assume-se como inovadora ao enunciar que a metáfora é uma capacidade humana de produzir sentido através da categorização, uma ação cognitiva.

<http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/subindex>.

Assim o corpo se porta, categorizando suas imagens. Se as metáforas são maneiras de sistematizar a comunicação, as imagens são imprescindíveis, uma vez que não há como separar, no corpo, suas bases experiências das suas representações. Não há metáforas sem imagens... Metáforas são imagens conceituais relacionadas a uma série de experiências. Ganham configurações regulares quando se estabilizam.



Metáforas geralmente são carregadas de valores. Tais valores encarnam certas imagens no corpo. Metáforas e imagens "representam" estados, fluxos de informações que se configuram nas experiências do corpo. Assim, as imagens-metáforas estão sempre em relação às suas representações. Uma rede de imagens sucessivamente conectadas que afeta o corpo: pensamentos e/ou ações.

Não há como negar a regularidade da ocorrência de algumas imagens metafóricas nas relações de comunicação entre os corpos. No caso da dança, por exemplo, “transformar” um corpo em um cisne, em uma imitação de cisne, é enunciar relações de representação. Um cisne<sup>33</sup> é uma ave bela, elegante, com movimentos ágeis e etc.; uma cadeia de relações. São imagens que estabelecem conexões entre o corpo que a implementa e o sistema conceitual do qual representa.



<http://www.imagens.de/igallery.asp>



<http://umabailarina.blogspot.com/2>

É assim que o meme reforça o seu papel de replicador. Tem-se, neste caso, um sistema de informação que se conecta permanentemente para estabelecer acordos com o corpo. Se a durabilidade é prolongada, não há como negar suas relações de coerência, e, portanto, sua lógica como padrão de replicação. Porém, nem todo corpo pode dançar como um cisne. Nem sempre há acordos entre memes e genes. Não à toa, estrutura e função se encontram inseparáveis.

---

<sup>33</sup> A foto de Ballet a seguir é a do lago dos Cisnes. Um dos mais populares e tecnicamente difíceis. Sua primeira montagem foi em 20 de fevereiro de 1877 por

Todos nós, humanos, temos o mesmo conjunto de *endereços* de DNA, mas não necessariamente os mesmos conteúdos nesses endereços. Essa é a principal razão pela qual somos diferentes uns dos outros. (Dawkins 2003:178)

As metáforas nem sempre têm uma imagem que apresente uma significação única. Suas representações podem variar, pois se encontram implicadas na maneira como cada corpo troca com o ambiente. Há muitas formas de se falar em um cisne, assim como também existem muitas formas de abrir as “asas”. Contudo, de uma maneira geral, é mais eficiente do que pedir para prolongar a escápula, uma vez que exige conhecimentos mais específicos. As imagens como metáforas são mais eficientes. Afinal, pessoas são idéias, são imagens: pensamento do corpo.

Imagens sempre passam por variações. E seguem no fluxo da complexidade adaptativa, uma vez que a seleção é um mecanismo que atesta a existência de uma complexidade organizada. Variação e seleção são ignições da evolução, movimento permanente de informações; uma adaptação contínua que não se encontra vinculada a um estado de suspensão, uma vez que não há paralisação do que já foi selecionado. Inevitavelmente, a evolução exige auto-organizações constantes e a necessidade de novas possibilidades. Imagens são informações que evoluem.



---

Julius Resinger. A segunda produção foi por Marius Petipa e a terceira por Lev Ivanov.

*Envolto*. Coreografia de Anderson Leão e Roberto Morais (2005).

<http://overmundo.com.br/overblog/um-giro-de-cada-vez>

No corpo, cada experiencição produz um outro estado. Como o fluxo de experiências é contínuo, suas imagens estão sempre em transformação. Mesmo aquelas estruturadas por conceitos estabilizados: *toda metáfora, toda parábola, toda construção, sempre explícita os valores empregados na elaboração.* (Katz 2005:259). As imagens do corpo ganham regularidade modificando-se já que a contaminação é inevitável. Se o corpo pensa metaforicamente é porque as informações que estão no ambiente se apresentam como imagens: um acordo co-evolutivo.

No mundo das imagens, os meios de propagação lidam com a eficiência na replicação. O processo da comunicação se organiza de modo que as imagens repliquem como configurações nos corpos. Imagens do ambiente formatam corpos, infectando-os. Como o jogo das tranças, categorias incidem em replicações permanentes, as imagens do ambiente trafegam em manipulações dos estados temporais, acarretando, muitas vezes, tensões ao submeter os corpos a reorganizações antecipadas. Esse fenômeno é percebido de maneira clara, na mídia, nos modelos culturais e nos modos como alguns eventos se “vestem” de cunho social. Bem como nos códigos culturais que permanecem como instruções que adestram corpos em vez de instrumentá-los.



Para garantir condições de estabilidade, impõe-se como necessidade para o corpo, a implementação de novos códigos e padrões que fazem parte do sistema de linguagens que visa dar sustentação à estratégia de permanência no ambiente dinâmico da comunicação. As imagens categorizadas emergem como organização na forma de padrão, e elas evoluem na relação entre culturas distintas no espaço-tempo.

As imagens do ambiente se encontram submetidas aos procedimentos evolutivos. No mundo onde os corpos atestam seus próprios modos de organização, é possível perguntar qual a imagem<sup>34</sup> de corpo que temos hoje? É dessa maneira, que o entendimento implica na atenção de se pensar acordos entre corpo e ambiente bem como, atentar para as imagens-metáforas como padrões de soluções e representações para todos os corpos. Corpos não são "massas", no sentido descrito por NEGRI nos seu livro *Multidão* (2005). Isto é, não são genéricos e nem inespecíficos e sim locais e singulares, pois se

---

<sup>34</sup> Crédito da Imagem com prótese: <http://amputadosvencedores.com.br/fotos.htm> e da Imagem do corpo tatuado: <http://www1.uol.com.br/diversao/noite/bodyart.htm>

modulam e se modelam em acordos eficientes. Corpo entendido como homogeneidade pertence às estratégias políticas de dominação que se apóiam na formulação para o tipo de corpo a ser massificado. Afinal, um corpo não é igual a outro.



Cada uma das imagens-metáforas empregadas na formulação de um corpo "massa" depende da sua eficiência para se replicar em escala. Vale citar a tirania dos corpos jovens de musculatura definida nas ginásticas das academias que continuam a proliferar e que se dedicam a difundir qual é a imagem da forma desejada. Ou lembrar, do modo de andar dos bailarinos clássicos de tantas gerações, com os pés à semelhança do dos patos. O externo projetado para frente e o

pescoço retificado. Ou pensar no corpo das modelos anoréxicas que foi transformado na imagem-metáfora-padrão dessa profissão.

As metáforas são formas de comunicação. E as imagens são da natureza do mundo, uma vez que são modos de acesso do corpo, além de constituírem também o próprio modo de cada corpo estar no mundo. Não se trata de mero detalhe, mas de uma condição de existência que deve ser claramente compreendida para que se deixe de pensar que as imagens são somente reflexos do mundo em nós.

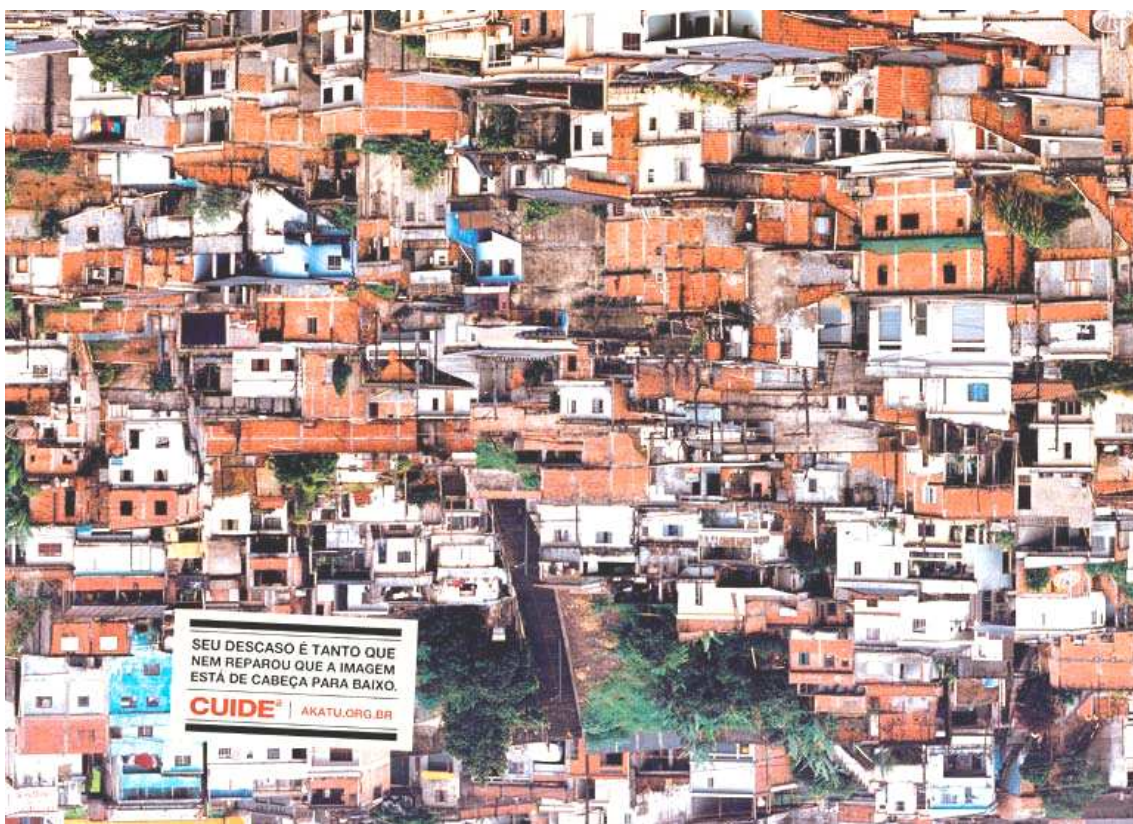
E assim, os códigos e os padrões replicados são modos de organizar que resultam de acordos temporariamente bem-sucedidos e que desenham as forma que os corpos vão tomando ao longo do tempo em suas adaptações. São configurações que não prescindem dos acordos e reconhecimentos que resvalam em procedimentos de co-relações intermitentes. O corpo experiência em fluxo suas possibilidades de diálogos entre aptidões e aprendizados. O reconhecimento e a implementação ocorre nesse processo. Assim, cada implementação resulta de uma experiência única. Não há cópias, portanto, dos estados do corpo.

### **Imagem: ações do corpo, ações no corpo**

Corpo é movimento. Sendo mídia, é produtor de imagens de si mesmo e com ela se comunica – o que leva, necessariamente, ao entendimento de que corpo e imagem não podem ser pensados como elementos dissociados. Ambos difundem-se mutuamente: não há imagens sem

<b>Experiência</b>
<b>Singularidade</b>
<b>Reorganizações</b>
<b>Possibilidades</b>

os corpos que a produzem e as imagens fluem como índices das organizações que as produziram.

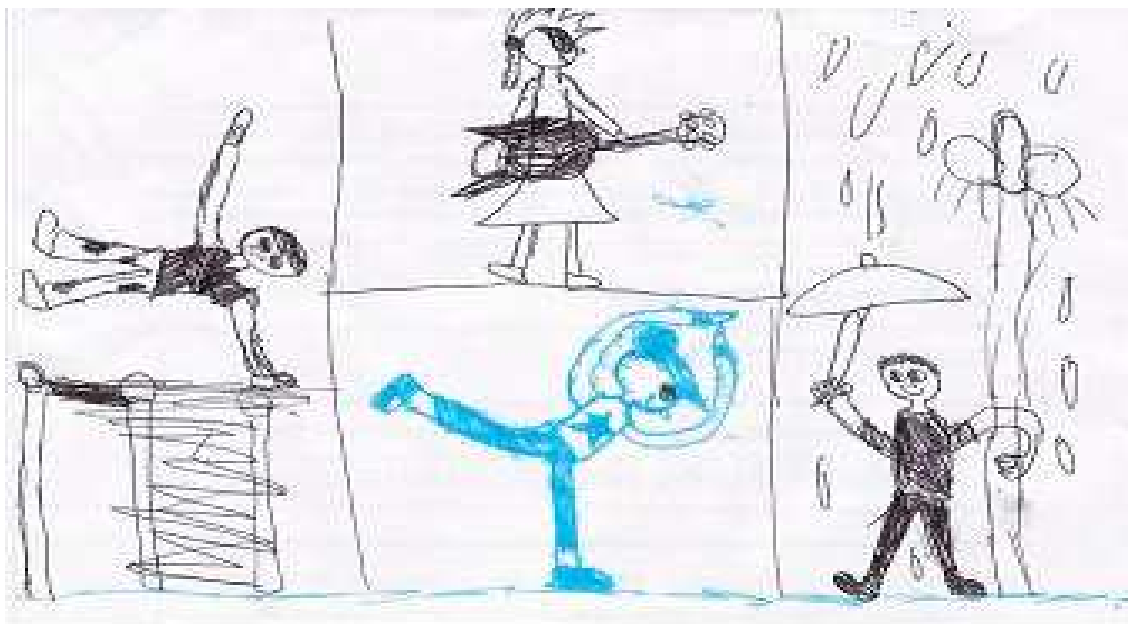


Anuncio brasileiro premiado em Cannes

O corpo em movimento é fluxo de imagens que constantemente transformam suas organizações. As imagens do corpo e as imagens do ambiente se interferem mutuamente, pois existem a partir de um mecanismo de troca processual, que faz parte da estratégia de sobrevivência da vida humana.

A imagem de um corpo encontra-se continuamente implicada no ambiente no qual ele atua através de suas escolhas. Ou seja, o tipo de acordo que estabelece com o ambiente é o que informa a natureza de suas relações e comprometimentos. As relações entre informações genéticas e culturais se encontram no tempo da

possibilidade quando se admite que os corpos não são determinados, mas co-condicionados.



Imagens mantêm conexão com um tipo de mundo que as possibilita existirem, uma vez que surgem nos fluxos das trocas entre corpo e ambiente. Imagens que mantêm a sua generalidade no tempo expõem com mais clareza a sua impregnação ideológica. Exemplos de imagens impregnadas de ideologias não faltam, pois a maior parte delas carrega a intenção de esculpir e modelar os corpos. Não à toa, a insistência em manter 'o belo' como condição *apriorística* na dança, através da propagação de modelos de corpos ideais, constitui uma estratégia imobilizadora, de dominação. Isto porque a informação que está empregando na forma de uma instrução universal (o belo), impede o entendimento de que cada corpo se organiza de um jeito, age de um jeito, e realiza um tipo de beleza diferente do outro. Tais práticas são tentativas de adaptar os corpos a um determinado contexto. A estratégia consiste em conseguir que as imagens universalizantes sejam imagens arremessadas nos corpos.

Cada corpo constrói, através de suas experiências, sua cadeia informacional sua passarela de imagens. E como o corpo não é uma ilha, suas conexões se explicam inevitavelmente no movimento dos seus acordos. Assim, as imagens da natureza de uma instrução, por exemplo, acionam uma cadeia de conexões implicadas no modo próprio a cada corpo se organizar em suas relações.

Algumas imagens podem ser eficientes para alguns corpos, não para todos. Na dança, geralmente as imagens empregadas na transmissão de conhecimento são efetivadas por sistemas de códigos conhecidos como métodos ou técnicas, e são utilizados como solução universal, pois partem da hipótese de que o que pregam se adequa a qualquer corpo. Apóiam-se na crença da existência de um corpo generalista. Caso os corpos fossem mesmo genéricos e não tão específicos quanto, de fato, são, seria muito menos turbulenta a atividade do compartilhamento da informação nos processos educacionais.

Conhecer é experienciar. Um corpo não transfere para o outro o que aprendeu, não há depósitos e adiantamentos de informações nos corpos, experiência não se empresta. Nas trocas entre corpos, a ação é sempre criativa, pois se encontra comprometida com o modo que o corpo soluciona suas relações: experiência é conhecimento no corpo, é aprendizado:



Se o corpo se expressa por imagens faz-se evidente questionar se as replicações efetuadas como instrução são suficientes e eficientes quando transmitidas para os corpos. Há, de fato, problemas nas transmissões da informação, uma vez que, habitualmente, busca-se resultados ao estabelecer distinções entre produto e processo. Ambos estão co-relacionados: produto é um aspecto circunstanciado do processo.

E o corpo segue solucionando suas questões. A evidência de que o movimento do corpo é imagem deslizando no espaço-tempo, traz a impossibilidade de pensar ação e representação como estados fragmentados. Não há, nessa ocorrência, tempos separados como uma relação de causa e efeito. Do mesmo modo, técnica e criação se fazem no ato:

A dança em um corpo resulta de uma série orquestrada de eventos em simultaneidade, da ligação fenomênica deste corpo com o que o envolve, via percepção até a aprendizagem, a memória muscular, e aquilo que resulta em arte (Katz 2005:197).

Se o corpo experiencia soluções sucessivas, suas aptidões co-existem com suas possibilidades de ação, sempre criativas. Solucionar é sempre um modo de arranjo em um determinado momento, é processo, e o corpo, ao se auto-organizar, apresenta sempre outras possibilidades. Estas são diferenciadas a cada

momento. Soluções exigem organizações singulares, não se repetem. Afinal, ações não dão ré, e o tempo não volta atrás.



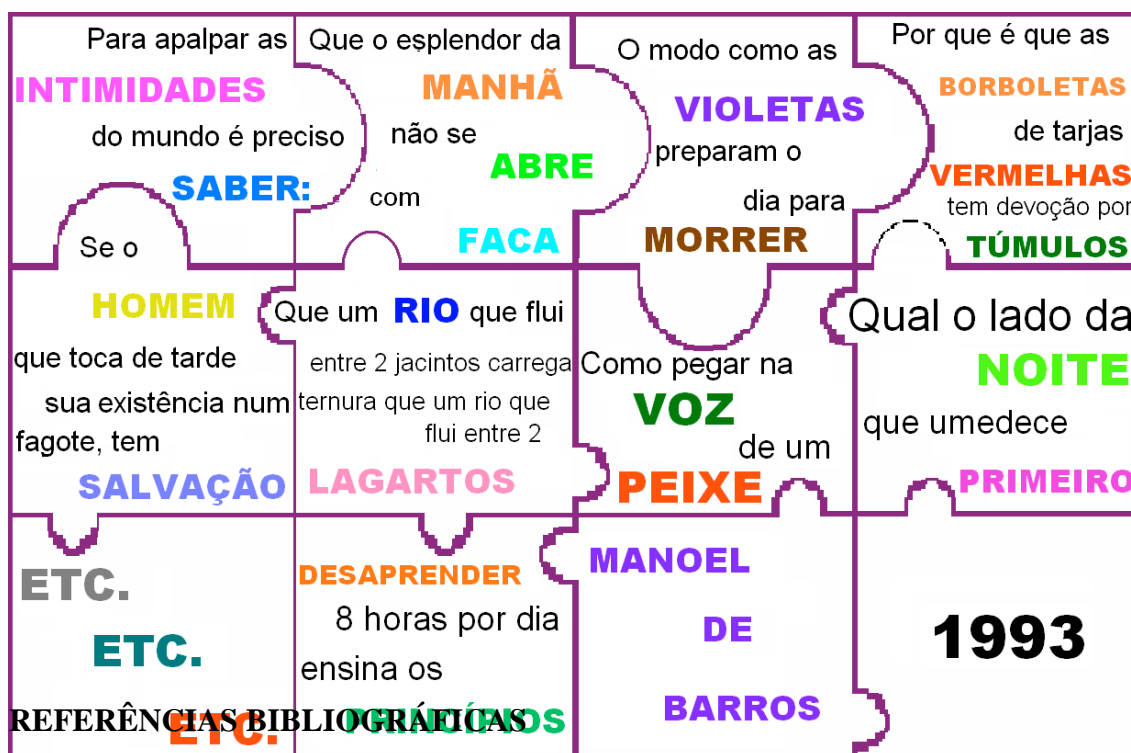
As imagens, que são informações, quando aplicadas no contexto do ensino de dança, devem estar comprometidas com o modo como cada corpo irá organizá-las. Tal comprometimento não pode ignorar que cada corpo dispara uma rede de imagens sucessivas de acordo com o que está sendo proposto, pois não se pode ignorar a de suas conexões.

Cada tipo de aprendizado traz ao corpo uma rede particular de conexões. Quando se aprende um movimento, aprende-se junto o que vem antes e o que vem depois dele. O corpo se habitua a conectá-los. A presença de um anuncia a possibilidade de presença dos outros. (Katz 2001:07).

O jogo das imagens implica em selecionar e ser selecionado, sobretudo quando o corpo opera construindo analogias. Nestas construções, corre-se o risco de excessos indiferenciados assim como, o do deslumbramento de algumas analogias inférteis, como é o

caso do vício da vinculação da noção de progresso associado como sinônimo ao conceito de evolução. Imagens evoluem sem bondade ou maldade, a evolução não pressupõe moralidade.

Enquanto algumas imagens são desenvolvidas em torno do critério de que treinar corpos significa adestrá-los, recomenda-se trabalhar com as hipóteses de que o corpo está sempre experienciando e que cada um de seus resultados provisório e circunstanciado. Mesmo porque, processos complexos como os de aprendizagem de uma técnica de dança, exigem atualizações de conexões. Uma pirueta só é uma pirueta a cada vez que é realizada. Corpo é processo e repetição é ação modificada. O corpo não congela experiências, as reorganiza.



ABBAGNANO, Nicola (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

ADSHEAD, Janet. (1988). *Dance Analysis: theory and practice*. Dance Books. London

ANDERY, Maria Amália Et alii (1996). *Para compreender a ciência; uma perspectiva histórica*. São Paulo: EDUC.

ANTUNES, Arnaldo et al (2000). Lições de dança 2. Rio de Janeiro: Universidade Editora.

ATLAN, Henri (1992). *Entre o cristal e a fumaça*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

BAUMAN, Zigmunt.(2003). Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BAUMAN, Zigmunt. (1999). Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar..

BAUMAN, Zigmunt. (1998). O Mal-estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

BEN-DOV, Yoav (1996). *Convite à física*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

BERNARD, Michel. (1986). L'expressivité du corps: recherches sur les fondements de la théâtralité. Ed. Chiron/ La recherché en danse, Paris

BERNARD, Michel. (1976). Le Corps. Coll. Corps et Culture. Ed. Chiron, Paris

BERNARD, Michel. (2001). De la Création Choreographique.Centre National de la Danse, Paris

BOESCH, Ernerst E. (1997). "The sound of the violin", in Michel Cole, yrjö Engeström, Olga Vasquez,(eds.), *Mind, Culture, and Tactivity* New York, Cambridge: University press.

BUNGUE, M. (1979). *Treatise on basic philosophy - vol.4: A World of Systems*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

CAPRA, Fritjof. (1996). *A teia da vida Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Cultrix,

CAMPELO, Cleide Riva (1996). *CAL (E) IDOSCORPOS; um Estudo Semiótico do Corpo e seus Códigos*. São Paulo: Annablume Editora.

CLARK, Brian Frederic Carl (1980). *O código genético*. São Paulo: EDUSP.

CHURCHLAND, Paul e CHURCHLAND, Patrícia. (1995). *Intertheoretic Reduction: a neuroscientist's field guide IN Nature's Imagination*. New York: Oxford University Press.

DAMÁSIO, António R.(1996). *O erro de Descartes; emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras.

DAMÁSIO, António. (2000). *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras.

DAMÁSIO, António. (2004). *Em Busca de Spinoza: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.

DAWKINS, Richard (1996). *O Rio que saía do Éden: uma visão darwiniana da vida*. Rio de Janeiro: Rocco.

DAWKINS, Richard (2000). *Desvendando o Arco-Íris: ciência, ilusão e encantamento*. São Paulo: Companhia das Letras.

DAWKINS, Richard (2001). *O Relojoeiro Cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino*. São Paulo: Companhia das Letras

DAWKINS, Richard. (1989). *O Gene Egoísta*. 1. ed. Lisboa: Editora Gradiva.

DEL NERO, Henrique Schützer (1997). *O Sítio da Mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitio Ltda.

DONALD, James (2000). "Cheios de si, Cheios de medo: os cidadãos como ciborgues", pg 91-104, em *Pedagogia dos Monstros. Os Prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*, organizado por Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Editora Autêntica.

DURHAM, William H. (1991). "Introduction: Genes and Culture in Evolutionary Perspective", in: *Coevolution-Genes, Culture and Human Diversty*, Stanford, California Stanford: University Press.

FERREIRA, Ricardo (1997). *Bates Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução*. São Paulo: EDUSP-UnB.

FERERABEND, Paul (1998). *Contra o método*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D Água.

FOLEY, Robert (1998). *Os Humanos antes da Humanidade. Uma Perspectiva Evolucionista, "Quando nos tornamos humanos?"*,

cap. 4, pg.72-105 e, " A evolução humana foi progressiva?", cap. 5, pg.107-136. São Paulo: Editora Unesp.

FREUD, Sigmund. "The Uncanny", The Standard Edition, Vol. XVII (1917-1918), em *The Uncanny: Experiments in Cyborg Culture* (2001), editado por Bruce Grenville, pg.58-59. Vancouver, Canadá: Vancouver Art Gallery/Arsenal Pulp Press.

FOLEY, Robert (1998). *Os Humanos antes da Humanidade. Uma Perspectiva Evolucionista*, "Quando nos tornamos humanos?", cap. 4, pg.72-105 e " A evolução humana foi progressiva?", cap. 5, pg.107-136. São Paulo: Editora Unesp.

FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática da pedagogia*. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra.

GADELHA, Sylvio & LINS, Daniel (orgs.). *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo*. Rio de Janeiro. Relume Dumará.

GANDON, Odile (2000). *Deuses e heróis da mitologia grega e latina*. São Paulo. Martins Fontes

GELL-MANN, Murray (1996) *O quark e o jaguar*. Rio de Janeiro: Rocco.

GIL, José (2000). "Metafenomenologia da monstruosidade: o devirmostro", pg.167-183 em *Pedagogia dos Monstros. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*, organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

GIL, José. (1997). *Metamorfoses do Corpo*. Lisboa: Relógio D'Água

GUYTON, A. (1995). *Filosofia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Interamericana.

GLEISER, Marcelo (1997). *A dança do Universo*. São Paulo: Companhia das Letras.

GRAHAM, Martha (1993). *Memória do Sangue*. Trad. Claudia Martinelli Gama. São Paulo: Editora Siciliano.

GREINER, Cristine (1998). *Butô: pensamento em evolução*. São Paulo: Escrituras Editora.

GREINER, Christine. (2005). O Corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: ANNABLUME.

IBRI, Ivo (1992). Kosmos Noétos: a arquitetura metafísica de C.S.Peirce. São Paulo: Perspectiva.

JACOB, François (1983). A lógica da vida; uma história da hereditariedade. Rio de Janeiro: Edições Graal.

JACOB, François. (1998). O rato, a mosca e o homem. São Paulo: Companhia das Letras.

KATZ, Helena. (2003). A Dança, Pensamento do Corpo, *in* O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo, Companhia das Letras, pgs 261-274.

KATZ, Helena (2004). Vistos de Entrada e Controle de Passaportes da Dança Brasileira *in* Tudo é Brasil, Lauro Cavalcanti (org), Rio de Janeiro, pgs 121-131.

KATZ, Helena. (2001). A Natureza Cultural do Corpo, *in* Revista Fronteiras, vol.III, nº 2, pgs 65-75.

KATZ, Helena (2005). Um, Dois, Três. A Dança é o Pensamento do Corpo. Belo Horizonte – MG: FID Editorial.

KATZ, Helena e GREINER, Christine. (2004). Corpomídia: a questão epistemológica do corpo na área de comunicação. Revista Húmus, número 1. Caxias do Sul: Secretaria Municipal de Cultura

KATZ, Helena e GREINER, Christine (2003). O Meio é a Mensagem: porque o corpo é objeto da comunicação. Revista Compós

KIRSTEIN, L. (1970). Movement and Metaphor. New York: Praeger

KUBÁT, L.; ZERMAN J. (Eds.). (1975). Entropy and Information in Science and Philosophy. Praga: Elsevier Scientific Publishing. Cap 6. A Non-Conserved Function for Organized Systems- K. G. Denbigh

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark (1999). Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark (2002). Metáforas da Vida Cotidiana. São Paulo: EDUC

LEWONTIN, R.C. (1995). "Genes, Environment, and Organisms", in: Robert B. Silvers (ed.), *Hidden Histories of Science*, New York, New York Review Books.

LOUPPE, Laurence (1996). *Poétique de La Danse Contemporaine*, Paris: Contredanse,

MACHADO, Arlindo & KATZ, Helena (Coords.). (2001). *Galáxias. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC.

MARCONDES, Ayrton Cezar (1994). *Biologia ciência da vida: citologia, histologia, embriologia*. São Paulo: Atual Editora.

MARTINS, CLEIDE (1999). *A Improvisação em Dança: um processo sistêmico e evolutivo*. Dissertação de Mestrado. Inédita. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MATTELART, Armand. *A Invenção da Comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

MENDES, Miriam G. (1987). *A dança*. 2. ed. São Paulo: Ática.

MENDES, Candido (org).(2003). *Representação e Complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond.

MILLET, Louis. (1972). *Perception, Imagination, Mémoire*. Ed. Masson et Cie, Paris

MOLES, Abraham A. (1972). *Théorie de L'information et Percepçion Esthetique*. Ed. Denoel/Gonthier. Coll. Grand Format/ Meditations

MOLES, Abraham A. (1981). *L'image: comminication fonctionnelle, avec la collaboration d'Elisabeth RHOMER*. Ed. Casterman, Coll. Synthéses Contemporaines

MURPHY P. Michael, O' NEILL, A. Luke (Orgs.). (1997). *O que é a vida?: 50 anos depois*. Trad. Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP

NEGRI, A. e HARTD, M. (2005). *Multidão: guerra e democracia na era do império*. São Paulo: Record.

PEIRCE, C.S. (1994). *The Colected Papers*. Intelen Corporation, Harvard University Press, I-VIII vols.

PEIRCE, C.S.. (1992). *Semiótica e filosofia: textos escolhidos de C.S.Peirce*, São Paulo: Editora Cultrix.

PELBART, Peter Pál (2003). "O corpo do informe", em *Vida capital. Ensaio de Biopolítica*. Pg.42-51. São Paulo: Editora Iluminuras.

PINKER, Steven (2004). *Tábula raza: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras.

PINKER, Steven (2005). *Como a Mente Funciona*. São Paulo: Companhia das Letras.

PRÉ-SOCRÁTICOS (1996). *Coleção os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.

PRIGOGINE, Ilya (1988). *O Nascimento do Tempo*. Lisboa: Edições 70.

PRIGOGINE, Ilya. (1996). *O Fim das Certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, UNESP.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle (1991). *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília, Universidade de Brasília.

RAMACHANDRAN, V.S. (2004) *Fantasma no cérebro: uma investigação dos Mistérios da mente humana*. ed. - Rio de Janeiro: Record.

ROPA, Eugenia Casine (1995). "Expression et Expressionnisme Dans La danse Allemande", in *Pina Baush parlez-moi d'amour: Un colloque*, Traduit de Italien par Domitilla Guillerme, Paris, L'Arche.

ROSEMBLUETH, Arturo (1970). *Mind and Brain: a philosophy of Science*. Massachus: The MIT Press.

SANTAELLA, Lucia (1992). *A assinatura das coisas; Peirce e a Literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed.

SANTAELLA, Lucia. (1993). *A Percepção: uma teoria semiótica*, São Paulo: Editora Experimento.

SANTAELLA, Lucia. (1994). *O Que é Semiótica*. 11. ed. São Paulo: Coleção primeiros passos.

SAINT- EXUPÉRY, Antoine (1962). *Terra dos Homens*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. 6. ed.

SAINT- EXUPÉRY, Antoine. (1982). Cidadela. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

SANFORD, Craig (2004). Como nos tornamos Humanos. Um Estudo da Evolução da Espécie Humana. "Bípedes melhores", cap.8, pg.171-202 e "caminhantes do Espaço", cap.9, pg.203-209. Rio de Janeiro: Editora Campus/ Elsevier Editora Ltda.

SCHILDER, Paul. (1945). L'Image du Corps. Trad. F. Gantheret et P. Truffert, Galimard, Paris

SCHNITMAN, D.F. (org.) (1996). Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas

SIEGEL, Marcia B. ((1979). The Shapes of Change. Images of American dance. Boston: Houghton Mifflin

SERRES, Michel(2004). Variações sobre o corpo. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.

SETENTA, J.S. (2006). Comunicação Performativa do Corpo: o fazer-dizer da contemporaneidade. Tese de Doutorado - Inédita. PUC-SP

SILVA, Solange. (2000). As Cores do Camaleão: fundamentos teóricos para uma teoria sógnica da informação. Tese de Doutorado- Inédita. PUC-SP

SWANSON, P. Carl (1972). A célula. São Paulo: Editora Edgar Blücher LTDA.

VEIRA, Jorge A. (2000). "Organização e Sistemas". Informática na educação: Teoria & Prática. Porto Alegre: PGIE-UFRGS, V. 3 Nº 1, Setembro.

VEIRA, Jorge A. (1993). O Universo Complexo; Perspicillum, Museu de Astronomia e Ciência Afins, Vol. 7, N. 1, novembro, pp 25-40.

VEIRA, Jorge A. (1995). Intersemiose e Arte, Anais do VIII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil – FAEB, pp 142-153.

VEIRA, Jorge A. (1996). Caos e ordem nas artes contemporâneas, comunicação apresentada no III Congresso Internacional Latino-Americano de Semiótica e IV Congresso Brasileiro de Semiótica, PUC/SP, São Paulo.

VEIRA, Jorge A. (1997). Tempo em transformação, Anais do IX Encontro Nacional da ANAP, São Paulo: Artcolor/ ANAP, pp 37-48.

VEIRA, Jorge A. (1998). Rudolf Laban e as modernas idéias científicas da complexidade, Baseado na Comunicação *Uma Visão Sistêmica do pensamento de Rudolf Laban*, apresentada no Encontro Laban 96 - Seminário O Próximo Corpo, SESC Consolação, São Paulo, Inédito.

VEIRA, Jorge A. (1999). Permanência e Cosmologia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica e Faculdade de Filosofia, Pré-Print, PUC/SP, São Paulo.

VEIRA, Jorge A. (1994). Semiótica, sistemas e sinal. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, PUCSP.

VITA, Luis W (1994). Introdução à filosofia. São Paulo: Edições Melhoramentos,

VERNANT, Jean Pierre (2000). O Universo, os Deuses, os Homens. São Paulo. Cia das Letras.

WILSON, Stephen (2002). Information Arts. Intesections of art, science, and technology, cap. 2.1, "Biology: Research Agendas and theoretical Overview", pg.55-93, e cap. 2.5, "Body and Medicine", pg.149-200. Cambridge, Massachussets: the Mit Press.

WARR, Tracey, JONES, Amelia (2000). The Artist`s Body. Phaidon press Limited, London

WEISS, Gail. (1999). Body Images: embodiment as intercorporeality. Routledge: New York and London